

Sylvain Broccolichi, Françoise Oeuvrard

A engrenagem

Após cerca de trinta anos, as transformações mais visíveis no mundo dos estabelecimentos escolares aconteceram no sentido de uma unificação formal (colégio único, liceu de ensino geral e tecnológico) que mascarou de fato um profundo processo de diferenciação. Não somente as antigas diferenças que estavam ligadas ao status ou à antiguidade dos professores estão longe de ter desaparecido do ensino secundário, mas agora estão conjugadas com um conjunto de transformações concomitantes que não pararam de acentuar as diferenças entre estabelecimentos, especialmente sob o aspecto da desigual concentração dos alunos mais desprovidos culturalmente, portanto mais susceptíveis de “ter problemas” na escola. Hoje em dia, as condições do exercício da profissão de professor estão cada vez mais heterogêneas e variam muito segundo os estabelecimentos.¹

Os professores, sobretudo aqueles que ensinam nos estabelecimentos mais afetados, vivenciam de forma tanto pior as dificuldades que encontram porque o insuficiente conhecimento das causas destas dificuldades deixa aberta a possibilidade de que seja a eles atribuída a responsabilidade e a culpa por elas. A escola, que tem a responsabilidade de transmitir os conhecimentos em condições ideais de equidade, parece ela mesma bem pouco esclarecida sobre os fatores que a desviam de sua missão, a ponto de ocultar aquilo que torna sua tarefa “impossível” em certos estabelecimentos.

1. Os meios de comunicação que exploram o filão da “violência na escola” ou do “mal-estar dos professores” podem propor seja uma visão indiferenciada da profissão de professor e da condição dos alunos, seja uma interpretação maniqueísta das diferenças mais flagrantes, ao opor os “bons” e os “maus” (estabelecimentos, alunos, professores, diretores...) ou então os “bárbaros” e os “civilizados”.

Pressão da demanda e escolha demagógica

Foi sobretudo a partir de meados dos anos 1980 que se intensificou o processo de diferenciação, que tem por consequência concentrar os problemas em certos estabelecimentos². O prolongamento da escolaridade que se vem observando a partir de meados dos anos 80 se segue a um decênio de fraca evolução dos fluxos de alunos dentro do ensino secundário, particularmente no que concerne o acesso à classe de segunda e a obtenção de um *bacalaureato* geral. Comparando as listas de alunos que entraram na sexta em 1973 e em 1980, as autoridades administrativas constataam a ausência de “melhoria real do desempenho para cada uma das categorias consideradas” (se forem levadas em conta a origem social e a idade de entrada na sexta). “Se as taxas (de acesso à segunda) passaram em sete anos de 41 a 46%, é porque as categorias mais favorecidas, filhos de executivos e de profissionais liberais, que entram com 11 anos, estão melhor representadas em 1980 do que em 1973”³. Enquanto a demanda pelo acesso a estudos mais longos já era grande e generalizada, o funcionamento do sistema escolar continuava a produzir as mesmas desigualdades sociais de desempenho escolar sancionadas pelas mesmas orientações seletivas.

Diante disso, o objetivo dos “80% da geração no ano 2000 ao nível do *bacalaureato*” e a política dos 80% conduzida a partir de 1985 podem ser compreendidas como o desejo de propiciar uma satisfação aparente à grande demanda social pelo acesso a níveis de estudo mais elevados, levando cada vez menos em consideração a opinião dos professores. As decisões de orientação se encontram cada vez mais separadas da avaliação realizada pelas equipes educativas, enquanto que aumenta a pressão dos pais que, a despeito do parecer dos conselhos de classe, obtêm o acesso a uma classe superior. E foi assim que a taxa de acesso à classe terminal (de ensino geral, tecnológico ou profissional) passou de 36% da faixa de mesma idade em 1985 para 58% em 1991, ou seja, 22 pontos percentuais de aumento em seis anos, contra 10 pontos percentuais durante os 15 anos anteriores.

-
2. Tanto em escala nacional, quanto num nível geográfico mais restrito (departamento, cidade), podemos observar uma acentuação das diferenças entre os estabelecimentos escolares do ponto de vista de suas populações de alunos. Por exemplo, as diferenças entre os colégios ao nível da proporção de alunos de origem popular, de alunos mais velhos ou de alunos estrangeiros, se acentuam. Podemos observar também o mesmo tipo de evolução no espaço de dez anos, entre os colégios classificados como ZEP e os outros colégios, acompanhada de uma concentração maior – embora num nível menor – de professores jovens e não titulares nos estabelecimentos mais desfavorecidos.
 3. Cf. Anexo do Plano para o futuro da Educação nacional, publicado em *Éducation et formations*, abril-junho 1988.

Desordem e tensões

Com sua brutalidade discriminatória, o sistema antigo tinha ao menos uma certa coerência. Ele amplificava e sancionava as diferenças (particularmente no que se refere ao domínio dos conhecimentos e ao gosto pela escola) ao separar de maneira ora mais ora menos precoce os alunos capazes de “prosseguir em estudos prolongados” daqueles cujo desempenho escolar e o comportamento “provavam” aos professores que seu lugar não era no colégio ou no liceu: estes eram encaminhados para “o ensino técnico” ou para “a vida ativa” desde a idade de 16 anos.

Com o novo modo de gestão dos fluxos escolares, foi todo o equilíbrio entre as práticas de ensino e as práticas de orientação que se viu rompido. Para compreender os efeitos que ele exerce sobre os alunos e as reações que ele suscita entre os professores, é preciso levar em conta um ponto decisivo: a organização atual do sistema de ensino não permite aos professores prestar aos alunos uma assistência intensiva e diferenciada; ora, esta se torna indispensável na medida em que aumenta a parcela dos alunos pouco dotados de bagagem cultural, e tendo por causa disso mais coisas para aprender na escola. Deste modo, manter na escola aqueles que dela teriam sido “excluídos” antigamente sem criar as condições para uma ação educativa eficaz na direção dos alunos que mais dependem da escola para adquirir tudo aquilo que ela exige, é fazer surgir dificuldades de toda ordem próprias para deteriorar as condições de trabalho dos professores sem melhorar realmente a situação dos alunos. Podemos compreender assim que os efeitos descontrolados da política realmente demagógica dos 80% façam com que inúmeros professores tenham saudade do sistema antigo. “Eu faço meu trabalho, mas não estou aqui para me matar tentando recuperar alunos que não deveriam estar aqui” tende a se tornar uma afirmação corrente nas salas dos professores de colégios e de liceus. Como se podia prever, os problemas relacionados à comunicação pedagógica e às relações entre alunos e professores estão se agravando principalmente nos locais onde eles já eram mais graves, ou seja, nos colégios de recrutamento popular onde a orientação seletiva era até então utilizada para reduzir as tensões e as dificuldades ligadas à falta de adaptação escolar, e nos liceus profissionalizantes que recebem numa idade mais avançada os alunos menos adaptados.

No colégio, a conservação, até à terceira, destes alunos “difíceis” em condições nas quais a resolução das dificuldades é tão menos garantida quanto mais elas se multiplicam, foi obtida ao se remeter instruções neste sentido aos diretores dos colégios e ao suprimir progressivamente as classes de preparação ao CAP, as CPPN e as CPA.⁴ O que desconcerta, desencoraja e deixa desesperançosos os

4. As estatísticas por estabelecimento indicam que em meados dos anos 80, na maioria dos colégios urbanos e rurais de nível popular, mais de dois terços dos alunos não chegavam até à quarta. Para alunos de origem popular, a nível nacional, chega a quase 40% o não acesso à quarta, ao passo que apenas cerca de 3% de filhos de professores e de quadros superiores estavam neste caso.

professores, não é somente a obrigação de suportar, até uma idade na qual eles podem parecer muito mais perigosos, alunos cujo “comportamento infernal”, cuja “ausência de motivação” ou cuja “total falta de compreensão” das atividades escolares os fazem aparecer como “insuportáveis”, “desesperadores” e até mesmo “irrecuperáveis”. É também o enfraquecimento do poder para sancionar o trabalho dos alunos, para incitá-los à atividade escolar e para obter um mínimo de respeito pelas ordens dos professores, mesmo da parte dos mais desobedientes. Com o acesso a uma classe superior se tornando cada vez menos nitidamente dependente do esforço dos alunos, os professores têm a impressão de perder um dos maiores instrumentos de sua autoridade perante certos alunos, e se sentem cada vez mais “impotentes” frente aos menos dispostos a se interessar pelas atividades escolares propostas num momento em que a quantidade relativa deste tipo de alunos aumenta em muitos colégios.

Da prova escolar à prova de força

É sem dúvida nos liceus profissionalizantes que as conseqüências destas transformações são mais perceptíveis. A fração dos alunos que, no estado anterior do sistema, preparavam um BEP, vai agora em sua maioria para o liceu; os alunos entravam antigamente no liceu profissionalizante com 14 ou 15 anos, hoje eles entram com 17 ou 18 anos com um passado escolar mais carregado e têm, portanto, “contas a acertar” com a escola. Estes alunos, mantidos por mais tempo no colégio numa posição de fracasso geradora de passividade ou de violência, adquiriram traços que tornam o trabalho dos professores do liceu profissionalizante muito mais difícil e desafiador.⁵ As condições do ambiente não permitindo mais assegurar uma função educativa real, vemos se colocarem cada vez mais frequentemente “chefes de bando” que tendem a desafiar abertamente os professores, multiplicando as provas de força que funcionam como uma vingança contra a escola por parte destes alunos colocados em xeque pela escola.

A lei do mercado

No entanto o processo de diferenciação dos estabelecimentos e de concentração de dificuldades que está ligado à manutenção dos alunos nos colégios e em seguida nos liceus acabou reforçado pelas medidas de “descentralização” e de

5. Apesar da ambigüidade ligada a suas múltiplas utilizações, os termos “fracasso” ou inadaptação escolar servem para lembrar que, no estado atual dos dispositivos escolares, os alunos pior classificados são normalmente colocados numa posição de “falta de compreensão” das atividades escolares (das quais eles se desinteressam cada vez mais); esta situação tende a colocá-los diante da alternativa entre uma posição passiva da aceitação de sua inferioridade (em relação àqueles que eles chamam os “cabeças”) e uma busca de afirmação em outros terrenos como o da violência física (ser um aluno “difícil” em vez de um aluno “fraco” por exemplo).

criação de concorrência entre os estabelecimentos que também geraram novos círculos viciosos. Os estabelecimentos, de fato, dispõem de uma margem de manobra aumentada para a utilização de seus recursos. Se eles devem se adaptar ao seu público, eles se preocupam também com sua imagem no mercado local e com os efeitos que ela exerce sobre a clientela que eles têm a possibilidade de atrair ou afugentar. Devem escolher “livremente” os recursos de que dispõem, que são limitados. Escolher, por exemplo, entre uma opção que dá prestígio, como o grego, para evitar a saída dos bons alunos para os estabelecimentos concorrentes, e uma medida de ajuda aos alunos em dificuldade. É assim que podem se criar ou se reforçar hierarquias entre os estabelecimentos que conseguem se definir como “pólos de excelência”, e aqueles que não têm outra especialização possível (pouco valorizada e pouco cobiçada) além do tratamento dos alunos em dificuldade.

Enquanto que a autonomia tinha a reputação de favorecer a adaptação dos estabelecimentos ao seu público, as leis da concorrência, ao contrário, incitam os estabelecimentos a se adequar à demanda tentando prioritariamente impedir o movimento de “fuga dos melhores alunos” que acompanha geralmente a elevação da proporção de alunos “difíceis” (considerados sempre numerosos demais neste período de abrandamento da seleção). E como as famílias dos alunos mais bem dotados social e academicamente são igualmente aquelas mais capazes de escolher com conhecimento de causa e obter satisfação, a necessidade de “encher” os estabelecimentos mais “evitados” produz, mais certamente ainda do que no passado, lugares que acabam relegados e nos quais estão concentrados os problemas.

Mesmo nos departamentos ainda setorizados, como o Val-de-Marne, podemos observar, na maioria das cidades, uma diferenciação crescente da população de alunos dos colégios ligada a estas fugas. Mas é sobretudo nas regiões urbanas dessetorizadas que o jogo das migrações e diferenciações é mais intenso e dependente dos argumentos “publicitários” ou das comparações incertas entre concorrentes próximos aos quais se agarram os pais de alunos.⁶

Fugir dos estabelecimentos mais evitados e procurar os mais procurados (pelos pais de um mesmo grupo social), parecendo geralmente o mais seguro, as crenças majoritárias nas hierarquias inicialmente incertas redobram as diferenças e reforçam as hierarquias iniciais. Ligada, como se sabe, à origem social, a qualidade do currículo escolar é um elemento determinante das oportunidades de aceitação em um estabelecimento público ou privado. Nas regiões dessetorizadas, é esta qualidade do currículo que torna a liberdade de escolher um estabelecimen-

6. Os balanços das experiências de dessetorização (em 1985 e 1987) fazem aparecer os perigos da acentuação das desigualdades sociais a que provocam estas medidas. Ora, isto não os impediu de estendê-las, sem nenhuma avaliação das conseqüências, a cerca da metade dos colégios.

to escolar, real ou fictícia (fictícia quando ela se reduz a formular pedidos não atendidos antes de ser destinado autoritariamente para os estabelecimentos menos procurados).

Este processo circular que transforma progressivamente as suspeitas em provas ao concentrar nos estabelecimentos estigmatizados as populações de alunos “com problemas” rejeitados pelos estabelecimentos mais procurados, produz de fato aquilo que é unanimemente denunciado ao nível dos “conjuntos-guetos”.⁷ Foi assim que em Paris estes movimentos de pânico – cujos efeitos são mais mortíferos que o incerto motivo inicial do pânico – acabaram afetando numerosos colégios, e mesmo três liceus de passado honroso que foram declarados quase oficialmente “sinistrados” em vista da “fuga dos melhores alunos” que estão sofrendo e da queda de seus resultados nos exames ligada a estas fugas, queda que parece justificar o fundamento de novas fugas...⁸

Inculpação e desmoralização

A concentração dos alunos academicamente desadaptados é mais penosa para os professores porque mais ela torna seu trabalho mais ingrato: “nós não paramos de demitir (...); colocamos nisso uma tal energia às vezes para nada, às vezes por muito pouco, e dizemos uns aos outros: não, por aqueles lá eu não posso fazer nada. (...) Há alguns que eu sei que os abandono.” Em lugar de se questionar a respeito deste funcionamento da escola que torna o ofício de professor impossível de ser exercido de forma satisfatória, as pessoas tendem, ao contrário, a imputar aos professores as dificuldades dos alunos que vão aumentando na medida mesma em que eles são cada vez menos selecionados e, portanto, menos dotados das características sociais que “facilitavam” antigamente seu trabalho. Ao nível das instruções, em primeiro lugar, a afirmação de que “todos os alunos são chamados a serem bem sucedidos” (pouco depois da generalização do acesso à sexta) coincidiu com a ordem expressa dirigida aos professores (particularmente em 1985, nas instruções aos professores dos colégios) de “assegurar uma diversificação e uma individualização do ensino” fazendo abstração das condições necessárias para uma tal modificação. E é também, depois de alguns anos, a referência à

7. O estabelecimento escolar e o lugar de residência têm em comum o fato de serem definidos parcialmente pela sua população-cliente. As transformações recentes acentuam este fenômeno a nível da população dos estabelecimentos escolares: as diferenças já intensas correspondente às populações do bairro se encontram aumentadas pelas novas condições de “escolha” do estabelecimento.

8. Seu infortúnio parece ligado inicialmente ao fato de serem “mal localizados” geograficamente no espaço concorrencial parisiense, pois todos os três se situam entre a avenida exterior e a avenida periférica.

“autonomia dos estabelecimentos” que exige que as equipes educativas locais resolvam elas mesmas os problemas em grande parte produzidos pela política central “dos 80%”. Quer os professores, que experimentam dificuldades bem superiores às que são legitimamente previstas por estas diferentes “instruções”, se atribuam a responsabilidade por elas, quer vejam aí um desconhecimento real ou fingido daqueles que deveriam esclarecê-los, trata-se em todo caso do “afastamento do ideal” que estes textos fazem dolorosamente medir.

Enquanto que a escola e a formação são normalmente apresentados como prioridades nacionais, as contradições entre a visão oficial de um sistema escolar que assegura “o sucesso de todos” (ou a “igualdade das oportunidades”) e seu funcionamento real se perpetuam tanto mais facilmente porque elas permanecem em grande parte desconhecidas. As pesquisas estatísticas especializadas na identificação dos fluxos de alunos ou das diferenças entre academias ou estabelecimentos coexistem, sem comunicação, com pesquisas pseudo-etnológicas que negligenciam em objetivar as condições normalmente associadas à emergência dos diversos tipos de problemas, a ausência de uma tal objetivação conduzindo inevitavelmente a condenar as vítimas ao privilegiar por exemplo “as capacidades e os comprometimentos dos atores concernidos”.⁹ Assim se encontram opostos de forma maniqueísta os estabelecimentos nos quais existe “uma vontade de ir adiante” e nos quais as mudanças são até mesmo “interpretadas como uma oportunidade” (“os atores não estão tentados a fazer um retorno ao passado”) e os estabelecimentos nos quais “os professores e a administração têm ao mesmo tempo uma visão negativa dos alunos e pontos de vista divergentes a respeito das soluções a oferecer”. Minimizar as dificuldades ou imputá-las deste modo àqueles que as vivenciam é criar um obstáculo ao conhecimento rigoroso dos problemas dos estabelecimentos escolares. É contribuir para a desmoralização daqueles cujas condições para o exercício de sua profissão estão cada vez mais deterioradas. A polarização a respeito do prolongamento das escolaridades em detrimento das condições de ensino, e a criação de uma concorrência imprudente entre estabelecimentos escolares que enfrentam dificuldades muito desiguais, parecer ter contribuído muito para concentrar e agravar os problemas nos lugares aos quais estão cada dia mais relegados os mais desfavorecidos. A ausência de medidas visando a contrabalançar os efeitos destas políticas demagógicas e descontroladas lançou o sistema de ensino numa profunda crise da qual a desmoralização dos professores é ao mesmo tempo efeito e componente.

9. Esta citação e as seguintes foram extraídas do artigo de Olivier Cousin e Jean-Philippe Guillemet, “Variações dos desempenhos escolares e efeitos do estabelecimento” (publicado em 1992 no número 31 da revista *Éducation e formations*) centrado numa grosseira oposição entre os liceus “em baixa” e os liceus “em alta”.

A pressão dos pais

Os procedimentos atuais de passagem de ano fazem com que, neste momento, haja uma procissão junto ao Diretor. É um mercado persa, como ele diz, para os pais que fazem pressão para que os alunos sejam admitidos para a segunda. (...) Eles pressionam, pressionam, pressionam, e, então, ele não agüenta mais. Ele diz, "OK para a admissão". (...) Nós no colégio também já somos obrigados. Podemos ainda variar um pouco para a passagem terceira-segunda, mas de qualquer modo, cada vez mais e em todos os níveis, encontramos alunos que não estão ao nível da classe. Portanto, de fato, temos de escolher entre – e é uma escolha de ordem puramente afetiva – fazer o aluno se mexer, puxando por ele, etc., ou então decretamos que chega, e o deixamos quieto no seu canto, desde que ele não nos aborreça muito; se por acaso nos aborrecer um pouco demais, damos uma pressionada bem forte até que ele não nos aborreça mais e pronto. E o aluno fica lá, esperando, e os anos vão passando (...).

Os pais estão mais acostumados, agora, a encontrar o diretor do estabelecimento e a se dar conta de que ele é alguém que pode ceder. A organização das classes, por exemplo, sempre foi da instituição escolar. O que ela decidia, nós aceitávamos. Hoje em dia, onde os pais sentem cada vez mais que a pressão pode fazer mexer as coisas no que se refere à orientação, provavelmente eles se dizem também, "por que não tentar também quanto a isso..." (...)

Como temos um recrutamento metade num bairro residencial, meta-

de sobre um conjunto habitacional, o colégio se mantém justamente porque temos pontos de referência com garotos que trabalham. (...) Ao mesmo tempo para nós e para os outros garotos, é assim que funcionamos normalmente. Se não tivermos mais estes garotos, o colégio não existirá mais, é evidente. (...) Seus pais, evidentemente, são aqueles que fazem pressão sem cessar, e é por isso que cedemos às pressões, por exemplo para montar boas classes, etc. (...). Os pais que dizem: "se minha filha passar para tal classe com tal professor, ela vai para um colégio particular" (...), enquanto estes eram elementos isolados, podíamos fazer assim. Agora que a pressão é cada vez mais forte, são os pais de alunos medianos, que não se preocupam com nada, que querem que seu queridinho vá para uma boa classe.

(...) Então de um lado se fala da necessidade do trabalho de equipe, e de outro os colegas estão completamente desencorajados já que "não vale mais a pena participar das reuniões, pois, em última instância, é o diretor que vai decidir após ter se desembaraçado das múltiplas pressões a que tem direito". Portanto o conselho de classe percebe que não tem utilidade. (...)

Cada vez mais hoje em dia não há mais leis; as coisas funcionam de qualquer jeito, de qualquer maneira. Os garotos passam de ano pelas razões mais estapafúrdias, pois de qualquer jeito não há outro lugar para ir...

Trecho de uma entrevista com um professor de matemática que ensina num colégio num subúrbio parisiense.

A escola dos pobres

– Temos realmente a impressão de que as coisas vão indo cada vez pior, que os garotos estão cada vez mais difíceis (...). Quando digo cada vez mais difíceis, quero dizer que é cada vez mais difícil fazê-los trabalhar, que há uma falta de motivação, penso eu. Temos a impressão de que eles se entediam muito.

– Que eles se entediam, que eles estão mais passivos ?

– Não necessariamente mais passivos, não, isso pode se traduzir de outras maneiras... numa agressividade... (...). Eu creio que a população mudou... creio que há cada vez mais filhos de trabalhadores imigrantes. E que cada vez mais os bons alunos estão indo embora. Portanto agora somos colégio de pobres. E o que me causa mais temor é que acredito que logo o ensino público será a escola dos pobres.

E depois, veja bem, eu mesma não coloquei meus filhos aqui em V. (...). No ano em que Éric estava no CM2, eu tinha uma classe de sexta com sete problemáticos. Nós os tínhamos agrupado para não perturbar as outras classes (sempre fazemos um pouco isso). Isso acabou me deixando vacinada e disse que Éric iria para Paris. E não sou só eu em V. que faço isso, o que explica por que só temos alguns restos de classes. (...)

Afinal, neste ano, eu tenho uma boa classe de sexta, que é como passar da água para o vinho em relação ao ano passado. (...) Numa boa classe, se você quiser, as coisas se passam muito bem. É um verdadeiro prazer: você lá, sentindo sua classe viver; são eles que te ensinam... Enfim, não sei, você fala as coisas, e pronto aí está, as coisas acontecem sozinhas! Bem, na sexta as coisas se passam assim e eu acho isso absolutamente maravilhoso. Na terceira eu não tenho problemas de disciplina, mas eles são mais pesados. É preciso tentar... tentar motivá-los, mas não conseguimos motivá-los, eu não sei, é ... é preciso tentar não aborrecê-los. É isso. Já não sou mais uma professora, eu tento não aborrecê-los. (...) É duro, porque chega um momento em que eu me pergunto o que é que eles vão fazer, e o que posso fazer por eles... (...)

Quero dizer que não espero mais um nível de terceira. Eu realmente baixei meu nível de exigência (...) eu sei que só haverá uns poucos que passarão para a segunda, assim tento ajudar um pouco mais a esses, mas de qualquer jeito, há muitos que não querem nada, desde o princípio, que estão fartos da escola e que sabem que farão um BEP e que por isso apenas esperam que tudo isso acabe...

Trecho de uma entrevista com uma professora de inglês diplomada que ensina há doze anos no colégio (classificado como ZEP há dois anos) próximo de sua residência, num subúrbio parisiense.

Rosine Christin

Uma vida dupla

Nós pensávamos saber tudo dela: a origem provinciana, o avô camponês e os pais operários rapidamente lembrados, os prêmios de excelência no liceu, depois os estudos de Letras em Toulouse, a ascensão até Paris, por fim o colégio Val-d'Oise, e 25 anos de uma vida de professora no subúrbio parisiense.

Em uma primeira entrevista realizada em janeiro de 1991, ela tinha falado do entusiasmo de seu começo de carreira, de sua militância de jovem professora, das expectativas freqüentemente desmedidas dos alunos, da violência por vezes também, do clube de vídeo, dos colegas, daqueles que fracassam, de seu próprio cansaço; ela tinha falado de si, nem “funcionariazinha relaxada” nem “Madre Teresa”, e da impressão tenaz de “realizar um trabalho de merda”.

Neste primeiro encontro, ela tinha vindo acompanhada por uma amiga, antiga assistente do diretor de seu colégio. A maneira de ser e de se vestir, os longos cabelos louros encaracolados, o grande pulôver, o linguajar um pouco exaltado, a vivacidade, nos faziam pensar antes numa estudante do que numa mulher de 48 anos. A entrevista, preparada de ambos os lados, se realizou numa quarta-feira, seu único dia de folga, num escritório do Centro de Ciências do Homem. Ao longo das numerosas conversas preliminares, Fanny, dona de um temperamento inquieto e escrupuloso, tinha muitas vezes se informado a respeito de nosso trabalho antes de responder às nossas perguntas. Certo, nós conhecemos muitos professores atingidos por este “mal-estar dos professores” e já os tínhamos questionado, mas Fanny falava com intensidade e sensibilidade de seu colégio do Val-d'Oise, que reúne 700 alunos, filhos de empregados ou de executivos, proprietários de pequenos pavilhões, e no qual ela vem ensinando há uma dezena de anos. Por muitas vezes neste dia ela colocou à nossa disposição, em seu cotidiano, este colégio entre outros, o diretor que “quer se pôr em evidência”, os colegas que acumulam depressões e licenças por motivo de doença ou os “garotos que (a) atormentam” para fazer vídeos.

Ela tinha sabido também expressar seu desânimo sem por isso se renegar ou denegrir. Este era um retrato exemplar e que, assim nos parecia, ia até o fundo das

coisas. Entretanto, em torno do gravador, somente a vida profissional de Fanny tinha sido evocada, como se o ambiente impessoal e a situação oficial da entrevista tivessem ocultado uma espécie de intimidade nascente, bastante natural entre mulheres de idade próxima, tendo em comum, senão um modo de vida, ao menos um certo número de referências e de convicções.

Mais tarde, na releitura da transcrição, despojada daquilo que tínhamos percebido “fora da entrevista”, Fanny desaparecia, talvez por ser tão representativa de um mal-estar tão propalado e divulgado, que acabava perdendo sua realidade, escondida por trás de suas frases banais, capazes de se aplicar a tantos outros, a toda uma profissão. Sem nos confessar imediatamente, depois mais abertamente, acabamos descobrindo pouco a pouco que, muito contentes por conseguir um belo retrato, tínhamos acabado, de certa forma, enganando a nós mesmos, ficando na superfície das coisas. Entretanto, nas entrelinhas, e como numa filigrana, brotavam algumas pequenas anotações, difíceis de enxergar, como que pedindo por estas perguntas: por que estas jornadas de trabalho de mais de dez horas, esta falta de disponibilidade da qual seu marido reclamava tanto, esta obstinação pelo trabalho, em detrimento de toda vida familiar que “suas filhas lhe reprovam atualmente” e este divórcio do qual ela tem tanta dificuldade de falar? “Ela não conhece nenhum casal no qual um dos cônjuges seja um professor que não tenha tido problemas desse tipo”: simples efeito da dedicação a uma profissão-sacerdócio que reclama um investimento de todos os instantes, adesão irresistível ao personagem cujo papel é preciso representar, para os outros e para si mesma, e até mesmo na vida familiar?

Era preciso levar adiante nossa conversa para, sabendo mais dela, compreender aquilo que tantos indícios deixavam pressentir, esta espécie de interpenetração destrutiva entre a vida profissional e a vida privada, neste caso particular e, talvez, na vida de inúmeros professores.

Em abril, após alguns contatos telefônicos, um outro encontro se realiza. A entrevista se dá em sua casa, desta vez, e filmada com uma pequena câmera de vídeo; a idéia diverte imediatamente a Fanny que, pelo menos uma vez, estará do outro lado da câmera. Acreditamos que o documento nos permitirá captar e analisar à vontade os gestos, as expressões ou os olhares que a própria vivacidade de Fanny nos fez deixar escapar.

A 30 minutos da porta de *la Chapelle*, uma longa avenida, nem alegre nem triste, afastada do centro, deserta a essa hora da tarde, ladeada por pequenos edifícios de quatro andares, bem ajeitados, agrupados em “residências” e envolvidos por uma esparsa vegetação. Ela mora aí, junto com suas duas filhas gêmeas de 23 anos de idade. Dois quartos, uma pequena moradia; é o apartamento que ela ocupou junto com seu marido durante mais de 15 anos. Eles o tinham montado juntos,

nada mudou de lugar e tudo precisa ser arrumado, o papel de parede está descolando, seria preciso trocá-lo, os móveis precisam de reparos, ela sabe bem disso e sofre um pouco por conta, mas tem muito o que fazer, desde a partida de seu marido, em 85, para “juntar os pedaços” com suas filhas. Uma se formará como educadora, a outra é horticultora.

A vida de Fanny está balizada por desarraigamentos, por renúncias, por rupturas. Ela é filha de um operário tecelão que é filho de um camponês de l’Ariège. De suas origens ela guardou um forte sotaque que, embora compreensível, dá um ar de estranheza a algumas de suas colocações, as mais “intelectuais”. Seu pai deixou sua aldeia enquanto ela ainda era bem pequena para “aprender sua profissão” num povoado vizinho e “trabalhar duro na fábrica”. Ela era “bem criança” mas, ainda hoje, ela se lembra deste primeiro desenraizamento, tão difícil que ela não saiu de casa durante mais de um mês. Mais tarde, houve os anos de internato, depois Toulouse, Paris, e também Avignon, uma breve tentativa de retorno a um outro Sul, “então, finalmente, não sabíamos mais aonde estávamos”. Se tivesse permanecido no interior com seu marido, ela teria tido uma vida mais calma, mais tranqüila, “sossegada”, mas, afastados de sua terra natal e de sua família, estes dois desertores, estes imigrantes, “acabaram entregues a si mesmos e destróçados”.

Sua mãe, filha de um imigrante espanhol e da “puta da aldeia”, tinha sido criada, em sua juventude, por um tio, representante comercial que “tinha se feito sozinho” e “tinha dinheiro”; ela tinha chegado até o diploma superior antes de se casar e de trabalhar na fábrica, ela também; ela tinha sonhado para sua filha os estudos que não pudera prosseguir, uma carreira de professora, um bom casamento, uma outra vida. No colégio de Pavie, no curso de filosofia, Fanny é uma aluna muita boa, e quer “ser médica”, mas seus pais se opõem; esta não é uma profissão para uma mulher – a mãe de Fanny conhece até mesmo uma médica que não exerce a profissão –, os estudos são caros. Sobretudo, a carreira de professora, que reúne o “poder e a tranqüilidade”, tem muito prestígio na família. Fanny está muito amarga. Hoje em dia, ela “os perdoou, eles até mesmo gracejam um pouco a respeito quando estão juntos”, mas, aos 18 anos, foi uma primeira ruptura com sua família. Ela escolheu a filosofia e se inscreveu na classe preparatória no liceu Pierre-de-Fermat em Toulouse, o que lhe permitiu se beneficiar de uma bolsa. Ela esquece logo a medicina e descobre a faculdade, a cidade grande, as discussões intelectuais, “diverte-se bastante” e fracassa no concurso de entrada para a *École normale supérieure*, sem muitos lamentos. Ela obtém uma licenciatura em letras, “como todo mundo”, se interessa pelo teatro, pela música: como se não ousasse apagar suas origens, o interesse pela cultura é, para ela, uma espécie de realização individual ou de proeza singular mas não uma caução séria e necessária para a entrada numa vida julgada de qualquer jeito inacessível.

Foi em Toulouse que conheceu seu futuro marido, três anos mais jovem que ela: ele não é um estudante. Aí também, ela não tem a expectativa, ao contrário das outras estudantes, de se casar com um futuro professor, por exemplo, ou de ascender por meio do casamento e da sedução, o amor tomando também o lugar das razões obscuras do realismo e da humildade. É preciso contar apenas com suas próprias forças e com a daqueles que se parecem com você. E Bernard é de um “meio muito, muito modesto”; aluno do liceu aeronáutico, ele sonha em se tornar um piloto. Eles querem se casar para chegar a Paris, onde terão todas as suas oportunidades e toda sua liberdade (“na época era preciso fazer isso para morar junto”). Eles pensam que um grande futuro é possível, é uma época de expansão, não se fala em desemprego dos jovens e não é muito difícil conseguir trabalho, um apartamento. Eles têm ambições, mas é preciso saber fazer sacrifícios.

O jovem homem abandona tudo, passa no concurso da PTT, e é imediatamente nomeado agente de exploração em Paris: “Então, aí também, grandes sonhos...”. Ela resume assim este episódio: “Eu consegui minha licenciatura em 66; casei-me e segui meu marido até Paris. Foi isso.” Aplicando deste modo a si a imagem romântica da jovem esposa submissa a um jovem funcionário cedo promovido. No entanto ela acha que seus “problemas conjugais talvez tenham começado aí”.

Em outubro, ela está fazendo um estágio no liceu Charlemagne; eles têm 19 e 22 anos e suas filhas gêmeas nascem logo em seguida (nesta época os métodos anticoncepcionais, já espalhados entre os mais prevenidos, ainda não estão legalizados, e são portanto inacessíveis a muitas jovens mulheres); são fatalidades que acontecem, só isso. E se (dadas suas origens) os estudos, o trabalho lhe parecem como conquistas, o fato de contrapor atividade profissional e vida familiar ainda não é considerado como uma proeza, não se fala disso. A vida cotidiana é às vezes simplesmente decepcionante.

Fanny se casou contra a vontade de sua mãe e, até o dia em que seu marido foi embora, por orgulho, ela esconderá dela suas dificuldades: “Em Paris, tudo estava bem (...) queríamos dar a impressão de estarmos vivendo corretamente; de fato, nós fingíamos quando descíamos, como se diz, para o Sul”. Mas, sem dúvida, ela escondia de si mesma, tanto quanto de seus pais, os primeiros sinais do desastre, tão impaciente que estava frente a essa nova vida intelectual que parecia se oferecer.

“As meninas (...) foram arrastadas”; quando estava no liceu, ela as confiava a “zeladoras de imóveis que encontrava assim, ao acaso, (...) era qualquer pessoa, e freqüentemente ouvíamos as garotas gritando pois estavam sozinhas no apartamento, e eram duas num só cercado, então...” Ela se “entregou muito ao seu tra-

balho”, ela adora seus alunos, com os quais tem uma paciência “extraordinária”, mas, quando suas filhas eram pequenas, e ela voltava para casa à noite, irritada, “já tinha gasto toda sua paciência durante o dia”, e ainda tinha aulas para preparar, exercícios para corrigir. Em casa, ela já não podia mais agüentar nada”, as lições de suas filhas “eram uma catástrofe”. Era preciso fazer tudo rápido, bem rápido, ela nunca tinha tempo. Ela devia ser “detestável”. Suas filhas dizem a ela, mas somente agora, após tantos anos, que “aquilo tinha sido um inferno”. Ela tinha ignorado seus problemas, se persuadindo de que bastava amá-las.

Seu marido não fez carreira; ao renunciar aos estudos, ele tinha se condenado a permanecer entre os funcionários da PTT; “aspirante”, ele substituiu os inspetores e os conferentes ausentes; eles nunca falaram sobre isso, mas ela sabe que ele sofre por ter abandonado seus próprios estudos. Fanny se mostra ostensivamente sem interesse pelo trabalho dele, ela não gosta dos seus amigos da PTT, muito diferentes de seus próprios colegas, que freqüentemente desprezam o “marido de madame”, que é como ele dizia de si mesmo. Ela se censura por ter abandonado seus colegas, alguns “verdadeiros intelectuais”, e maltratar este homem que de certa forma se parece com ela. Ela confessa ter tido às vezes vergonha dele, como outrora de seus “pais operários, que eram um pouco pobres”, diante de suas colegas de classe “que tinham de tudo”. Foi a este preço que conseguiu para si uma vida “sossegada” como gosta de dizer, a vida sonhada para ela por sua mãe: ela cultivava “este lado intelectual”, ela pintava, escrevia poesia.

A realidade se mostrou realmente para ela em 85, no dia em que o marido foi embora, “que ela não tinha visto chegar”; eles se divorciaram depois, mas ela ainda usa até hoje sua aliança e confessa esperar seu retorno. Neste dia mesmo, uma de suas filhas deixou o liceu; começa então, tanto para uma quanto para outra das gêmeas, uma dolorosa peregrinação que, ainda hoje, não terminou: drogas, fugas, fracassos, “muitas, muitas histórias”... Fanny não quer falar muito a este respeito, seus olhos se enchem de lágrimas.

Sem dúvida nenhuma ela não soubera prever nem prevenir este desmoronamento; teria sido preciso admitir muitas coisas, a vida dura demais, o desenraizamento, as meninas agitadas, o marido desprezado, as rupturas, tantos sacrifícios consentidos em função de uma ascensão incerta e a ilusão de uma participação também tão incerta no mundo da cultura. Ela hoje em dia tem a impressão de ter sido ludibriada, ela agora desconfia de “tudo aquilo que é intelectual”, não compra mais discos, pois “não tem o dinheiro” e nem mesmo “um bom aparelho para escutá-los”. Tudo isso acabou.

Na sua profissão também, o ânimo e o entusiasmo da jovem professora deram lugar ao desânimo e, pouco a pouco, ao sentimento de ter entregue seu tempo, sua energia, “sua vida”, sem receber nada em troca. Desprezada pelos pais de alunos,

abandonada pela administração do liceu, ignorada pelo Ministério, incompreendida por seus alunos, mais atraídos pelo sucesso material (“a grana, a grana”) do que pelas coisas intelectuais, ela não reconhece mais a profissão que escolheu e que já não tem, 25 anos depois, nenhuma das esperanças da jovem estudante de Toulouse e de suas primeiras experiências. Se ainda lhe acontece lembrar, com seus colegas, a nobre missão do “educador”, ela se enxerga freqüentemente, ao menos nos momentos de desânimo, como uma enfermeira ou uma assistente social, em resumo, como uma espécie particular de “trabalhador social”.

Por mais desarmada que esteja diante desta situação improvável, imprevista, que foi criada pela transformação radical do papel do professor, ela o está, sem dúvida, menos do que muitos outros. Suas origens, seu destino de desertora, a prepararam para compreender as dificuldades e angústias desses recém-chegados, que são inúmeros dos alunos que lhe são confiados. Sua experiência de vida e seu extraordinário entusiasmo, além de a deixarem prevenida contra o medo da violência adolescente que conduz tantos de seus colegas a uma fuga para o absentismo, também permitem enfrentá-la desenvolvendo todos os recursos de seu proselitismo cultural de neoconvertida e “distribuindo amor” a seus alunos que, em troca, “reconhecem seu trabalho”.

Mas, paradoxalmente, as disposições generosas que fazem com que esteja mais preparada do que muitos outros para a nova situação criada para os professores também fazem com que esta situação funcione para ela como uma armadilha, a da dedicação aos alunos: ela não pode deixar na verdade de reconhecer que é pelo reconhecimento que eles são os únicos a concordar que ela deu tanto de si ou perdeu tanto.

Com uma professora de letras de um colégio

– *Entrevistas de Gabrielle Balazs e Rosine Christin*

“Um trabalho de merda”

– *Agora mesmo se falou que, neste colégio, muitos professores querem partir.*

Fanny – Sim, há muitos deles, inclusive eu. Outros se sentem um pouco paralisados e teriam vontade de partir; eu estou pensando em (...) um colega de música; já existe um mal-estar que se deve, creio eu, à mudança de diretor. Desde o ano passado temos um novo diretor que não conquistou de forma alguma a unanimidade, que é julgado muito severamente pelas pessoas (...). Existe um mal-estar por causa disso e há também um mal-estar que é próprio da situação dos professores. Eu acredito que as pessoas têm a impressão, em todo caso falo por mim, a impressão de realmente estarmos sendo espremidos como um limão e de não sermos reconhecidos. Quando discuto com meus colegas de francês, é assim, temos a impressão de que não somos absolutamente nada, que fazemos um trabalho – me perdoe a expressão – um trabalho de merda, é isso! Eu ouvi isto. Temos então a impressão de estarmos lutando por nada. De termos sido ludibriados. E quando chegamos a um determinado ponto da carreira, eu estou em que escalão, nem mesmo sei, no décimo? Tenho 48 anos. Temos a impressão com razão ou não, não sei bem, que tudo aquilo que fizemos não serviu para nada, nada. Chegamos a um momento em que os jovens têm vontade de fazer outra coisa. Meu colega de música diz que se realiza nos concertos, ele tem sorte, pois

tem outra coisa, mas aqueles que não têm nenhuma outra coisa para fazer (...). Um colega comunista, ele tem sua luta... É mesmo que não acredite mais tanto assim, ele retomou seus estudos, ele, bem, então, encontra assim um sentido para sua vida.

– *Cada um foge para um lado ou outro...*

Fanny – Sim, isto é certo, existe uma fuga, assim o fato de mudar de estabelecimento é também uma fuga, é fugir talvez do estabelecimento. É verdade que eu já não agüento mais o estabelecimento, mas não sei o que vou encontrar em outro lugar. Tenho vontade de ensinar num liceu porque preciso me realizar profissionalmente, como dizem os jovens, de curtir um pouco, enquanto que até o momento eu só dei de mim, dei de mim e acho que não serviu para nada. É isso!

Fanny – As pessoas têm vontade de viver. E os colégios e as escolas não se tornaram lugares com vida. Quando tratamos disso com os alunos, recebo coisas cheias de erros de ortografia, existe um desejo de falar com os adultos, que pode ser isso também. O que é realmente esta vontade de viver e creio que os jovens traduzem o mal-estar dos professores de uma certa maneira, até mesmo o mal-estar da sociedade. Não sei se eles se dão conta disso, não sei se isso já foi dito, mas isso existe.

– *Eles sentem que não estão numa situação muito boa.*

Fanny – Acho que sim. Com meus alunos, isso é comigo, olhe, não posso dizer que isso se passe assim com todo mundo, mas eles são muito legais, a garotada, porque há um desejo, eu o percebo com meus alunos de terceira, um desejo de realmente nos ajudar, até mesmo de gostar de nós. Portanto, quando ouço colegas que dizem, “ah, não estamos aqui para isso, não estamos aqui para gostar das crianças”, neste momento percebo que isso é absolutamente falso, que eles precisam disso, e que o professor precisa disso. Eu pelo menos tenho necessidade disso. Tenho a necessidade de estar bem com eles, bem sob todos os pontos de vista, se quero fazer um bom trabalho. E isso faz parte do conjunto, as pessoas têm vontade de viver. E na sociedade atual, os meninos vivem isso, apresentamos modelos nos quais o dinheiro domina, bem, eu acredito que isso também seja um problema. (...) Eles têm a impressão de que os conduzimos para coisas nocivas, é isso.

– *E quando a senhora diz que os professores não são reconhecidos, que a senhora não se sente reconhecida e por quem, de que modo?*

Fanny – Inicialmente pela autoridade superiora, que... eu freqüentemente enfatizei que os diretores de escola – não todos, pois já ouvi outras pessoas me falarem que é fulano que é legal, etc. –, são freqüentemente diretores de empresa que trabalham, eu diria... o prédio, em todo caso, a instituição não foi feita para os seres humanos que estão lá, tanto professores quanto alunos. Eles estão lá para lisonjear, para pedir que façam coisas além de seu trabalho, mas sentimos que nada disso é feito no interesse da criança, mas sim no interesse da promoção ou outras coisas assim, e isso, então, pode funcionar um pouco, se o professor sentir prazer em fazer tal ou qual coisa, pois há muitos que são assim. E além disso são

reconhecidos também pelos pais, e pelo conjunto da população.

– *Pelo conjunto da população, sim.*

Fanny – Porque francamente, quando ouvimos os discursos a respeito dos professores (...), é velho como o mundo... como a opinião de minha própria família, que realizamos um trabalho realmente fácil. Sempre se coloca em primeiro lugar as férias... etc.

– *Ah, sim, as férias, (...) que é que fazem as pessoas de sua família?*

Fanny – Meu pai era operário, operário no setor têxtil. Trabalhou muito, é verdade que sua jornada de trabalho era dura. E para ele – eu queria fazer medicina, é verdade – mas ele não quis porque, bem, ele não tinha dinheiro, eles me disseram, “não, não, não...”, mas para eles o professor era o cara que tem segurança de emprego, que está tranqüilo, que faz seu trabalhinho, ele via nele o funcionário público.

Eu assinei “Irmã Teresa”

Fanny – É. Ele via o funcionário público, o professor numa boa ou numa má situação, não sei. É possível que o professor funcionário esteja numa boa situação, porque ele não se coloca... há alguns assim, não é. Há alguns assim, que não fazem muitas perguntas. Mas o professor que tem vontade de ser professor e educador, pois – volto aqui ao meu assunto favorito – acredito que, hoje em dia, o que assusta os professores é que temos um papel realmente de educadores. Eu discuti com alguns colegas ano passado porque eu concebo as coisas assim, uma palavra bem forte, não quero jogar com as palavras, mas não se trata apenas de transmitir um saber, o papel do professor hoje em dia, nós somos a Educação nacional e as crianças pedem por isso. Eles exigem que sejamos... não que substituamos seus

país, mas que sejamos um adulto de referência com o qual se possa falar, e quando aceitamos este papel, as coisas funcionam. Há professores que se recusam. No ano passado eu tinha uma turma difícil, garotos realmente com problemas, e para brincar, realmente para brincar, pode ser que minhas brincadeiras sejam sem graça, eu convoquei as pessoas para um pré-conselho, pois a turma colocava questões e assinei “Irmã Teresa”. Por que fiz isso? Não sei, uma inspiração divina. Meu Deus... Aquilo causou um protesto geral.

Eu acho que um professor hoje em dia, e isso é esmagador, é exaustivo, pois fazemos de tudo pela garotada, mas não acredito que possamos fugir a isso, mas ao mesmo tempo, quando eu digo que experimento um sentimento de não ter meu trabalho reconhecido, eu tenho uma relação muito boa com meus alunos e é isso que ainda me mantém lá dentro. Porque com meus alunos, mesmo quando tenho turmas difíceis e mesmo quando há barulho, ou quando fico nervosa, etc., há alguma coisa que acontece, eu gosto deles e eles gostam de mim e eles me fazem permanecer no ensino. Se eu não tivesse isso, eu faria qualquer outra coisa. Não sei, mas aceitaria qualquer trabalho! Porque os alunos, quando acontece isso, eles reconhecem seu trabalho, temos este reconhecimento por parte da garotada. (...)

– E em relação à sua família, a senhora dizia que eles realmente trabalhavam duro... sua mãe trabalhava?

Fanny – Minha mãe não trabalha mais. Ela trabalhava quando eu era bem pequena, ela trabalhava, era operária também, um pouco frustrada pois estudara até o diploma superior na época. Sua mãe queria que minha mãe trabalhasse para ganhar algum dinheiro. E então, era preciso ir para a fábrica. E assim minha mãe foi para a fábrica e creio que, como a maioria dos filhos daquela época, eu acabei seguindo

o caminho que ela queria... (...), ou que ele gostaria de ter seguido. Quando falávamos a respeito, bem, eu acho que ela via isso como alguma coisa – como dizer... – para ela o preceptor, o professor era o máximo. Ela ainda tinha essa mentalidade das pessoas do campo; em minha casa eles diziam “o reitor”, meu avô também, tinha muito respeito por aquele que transmitia o saber. Ele era analfabeto, e então o reitor, se dizia no jeito de falar da região, era importante, minha mãe pensava assim, meu pai menos...

[...]

Minha mãe desencantou-se

– E sua família não considerava que a senhora tinha sido bem sucedida em relação a ... estes objetivos de ser professora, etc.?

Fanny – Sim, sim, com certeza. Ela considerava que eu tinha conseguido, mas hoje em dia minha mãe se desencantou, ela se desencantou...

– Ah bom, então isso foi numa certa época?

Fanny – Sim, no início... Para ela, bem, o fato de que... eu ia bem na escola, que eu passava nos exames, queria dizer que eu tinha conseguido. E hoje em dia quando ela vê o modo como vivo, talvez tenha a ver também com a maneira como eu vivo, mas as preocupações que eu tenho, ela me diz: “mas afinal...” Então ela não quer mais... isso é tudo, há muita coisa por falar aí dentro, ela tem a impressão que alguma coisa, ela não analisa, eu não falo mais disso com ela porque sei que ela se culpa por isso, já não falo mais muito a este respeito mas... ela tem a impressão de que existe alguma coisa de podre mesmo no reino da Educação nacional, é confuso, eu não falo disso, mas ora, eu sinto isso. Ela me disse, quando fui até lá no dia de Todos os Santos, fui vê-la, e levei algum

trabalho para fazer, ela me disse: “deste jeito, afinal, você nunca está tranqüila”, ela não vê outra coisa além disso, ou então quando me vê deprimida, ela me diz: “no fim das contas sua irmã está mais feliz do que você”.

– *Sim, então ela pensa que... não é o que ela esperava.*

Fanny – Não. Ela pensa... não sei nem mesmo se podemos dizer pensa, mas... veja bem, isso, é confuso... Não é algo expresso, não. Se falarmos de coisas pessoais, eu me casei, me divorciei em 85, meu marido me censurava o tempo todo de estar ocupada demais com meu trabalho. E de quantos colegas ouço que têm problemas conjugais por causa disso, os professores. É verdade... Tome aquela com quem falei ontem à noite pelo telefone, uma professora de maternal que está doente, ela está doente, ela está parada até dia 15, o médico queria que ela parasse até dia 22 mas ela lhe disse que tinha consultado uma psicóloga da MGEN que tinha dito: “seu problema é este”. É uma rejeição. Uma rejeição. Ela me disse: “eu não agüento mais o barulho”, bem. Ela está deprimida...

[...]

– *Freqüentemente o cônjuge acha que o professor trabalha demais, não é? É muito ocupado...*

Fanny – Sim, sim... muito ocupado. Pessoas de todas as partes, outro dia havia dois amigos no telefone, ele é um inspetor fiscal, sempre livre, então ele dizia: “no Natal vamos para a Polônia”, e Monique lhe perguntou ao telefone: “e sua mulher, que é que ela está fazendo?”, “mas que pergunta!”, ele respondeu: “está corrigindo exercícios, está cheia!” Bem, esta é uma história...

– *Sim, sim, mas que importa. E seu marido, o que ele fazia?*

Fanny – Meu marido estava na PTT, ele ainda está na PTT, ele está tranqüilo, (...) ele é conferente. (...) Às vezes acontecia dele ter algumas substituições a fazer em lugares distantes, e que era preciso que ele estivesse em seu posto na chegada do correio para recepcionar os caminhões, e ele tinha de acordar muito cedo. Mas em relação, eu acho – este é sempre o problema do professor – em relação ao professor, o que me mata e o que me impede de ser criativa é que nunca terminamos. Quando chegamos em casa, temos de preparar aulas, então também, este ano, poderíamos falar disso, já que isso vem também do fato de que os horários de francês tendo sido diminuídos, somos obrigadas agora a ter quatro turmas para poder completar nossas 18 horas. Quatro turmas de francês num colégio, das quais três com 30 alunos, isso dá um número incalculável de exercícios, e no colégio é preciso verificar tudo; eu enfatizo as explicações de texto, senão os garotos não as fazem e tenho permanentemente exercícios para corrigir... então após a jornada de trabalho...

Ah! Todos os dias eu tenho exercícios. Todos os dias. Porque eu percebi, no começo eu só fazia algumas explicações de texto, e eu percebi que a maioria dos garotos passavam uma vez o texto, e não voltavam mais, enquanto que eu centro todo meu ensinamento naquilo, nos textos, nos escritos, na reflexão sobre um texto, a transmissão após a comunicação, portanto para eles não era... Agora eles compreenderam; eles compreenderam e as coisas funcionam, mas no início eles não faziam isso, e eu marcava tudo. Os outros colegas não dirão a mesma coisa, porque em música, o colega conhecido meu não tem o mesmo trabalho que eu. É realmente particular, eu tenho isso todos os dias. E tenho sempre a impressão de... me desgastar com isso. Isso me desgasta verdadeiramente.

– *E é isso que os outros criticavam em você também, enfim que o seu marido criticava afinal? De não estar disponível...*

Fanny – Ah sim, é isso. E eu, para minhas meninas, agora que olho para isso com distanciamento, eu reconheço que investi meu tempo realmente mal, eu me dediquei realmente ao trabalho. Negligenciei minhas meninas num momento em que elas tinham necessidade de mim, realmente eu as...

– *Você tem duas filhas?*

Fanny – Eu tenho gêmeas. Duas meninas, e elas me dizem isso, elas me dizem isso! No momento em que elas precisavam de mim, bem, eu... bem, isto é um percurso pessoal. Durante todo um período, é verdade que eu me dediquei enormemente e me desenvolvia no meu trabalho, e também não posso dizer que isso não tenha me trazido satisfação, não é mesmo! Então é verdade que eu me entregava bastante, eu tinha prazer em estar com as crianças, mas, ao lado disso, eu dava tanto de mim que quando chegava em casa minha paciência estava no fim. Mas é verdade, minhas meninas me falam isso agora e quando eu estava no meio de...

– *Elas agora têm que idade?*

Fanny – Elas têm 20... minhas filhas têm 23 anos, 23.

– *Bem, já não são mais propriamente meninas, não é...*

Fanny – Não, mas eu sempre falo delas assim... não, mas é porque estamos tentando reviver coisas que não vivemos justamente neste momento aí, então eu falo minhas meninas, é verdade que estamos voltando a nos encontrar agora; elas estão tentando reviver estes fragmentos de sua infância aos 23 anos. Estamos fazendo psicanálise na medida do possível. Não, mas bem, é verdade. É isso. De que é que

estávamos falando? Eu não me lembro mais...

Eu não conheço um casal de professores, ou mesmo que não sejam os dois professores... mas eu não conheço nenhum casal em que haja um professor que não tenha tido problemas desse tipo, então alguns conseguem dominá-los, mas isso, isso sempre conta de algum jeito, e sempre existe também esta impressão com razão ou não... de se entregar, de dar de si, de sua própria vida e a troco de nada. Como as enfermeiras, com a impressão de que não somos nada aos olhos dos outros, e os outros é que... as meninas me dizem isso, elas me dizem: “é legal este trabalho que a senhora faz mas, veja bem, não temos inveja”, elas se perguntam por quê; bem, porque nós fornecemos modelos do tipo “yuppies”, que são bem-sucedidos, etc., de paletó e gravata, a grana, a grana, a grana...

Eu leio pedaços de livros

Fanny – É isso, eu creio que esta reavivificação de uma vida melhor que encontramos por toda parte, entre todos os professores, o desejo de ter seu trabalho reconhecido; já vi também as assistentes sociais reclamarem pela mesma coisa, o desejo de que realmente sejam considerados como pessoas úteis, e não pessoas que fazem as coisas de qualquer jeito, como um funcionário público relapso. Um dia, eu fiquei revoltada no momento das revoltas estudantis, eu estava escutando o programa *France Inter*, no meu carro – de outro modo eu não tenho tempo – eu escuto, isto também é cultura, eu não tenho tempo de ler durante o período escolar (...), eu leio pedaços de livros, pedaços...!

– *E você é professora de letras!*

Fanny – Ah sim, quando eu leio é preciso que eu esteja mergulhada na leitura; estou sempre com a cabeça cheia, é isso que eu

dizia, a impressão de nunca chegar ao fim, eu tenho sempre a cabeça tomada por alguma coisa, eu nunca posso desfrutar de um livro. Nas férias, sim. Mas durante o ano escolar, eu não posso me entregar ao prazer de ler porque de repente, pronto! Eu me digo: calma, isto acontece, então vou fazer, procurar alguma coisa. E também reconheço que talvez a idade também conte, eu tenho 48 anos, existe o cansaço... não é, é verdade, eu sinto que já não estou mais em forma como antigamente, pois antes eu tinha sempre idéias para fazer coisas em classe, para tornar as aulas mais interessantes; quando eu percebia que começava a cansar, eu dizia: vamos dar um jeito nisso; agora quando termina minha jornada de aulas, existem os pais que vêm nos ver... pais vêm me ver quase todos os dias, para me ver...

– *Você tem reunião marcada ou eles vêm por conta própria?*

Fanny – Reuniões, não, eu as tenho quase todos os dias, nem todo dia. Frequentemente, nesses momentos vai haver os conselhos de classe, e eles se afobam um pouco, alguns por ingenuidade, outros para poder...

– ... *sim, fazer intrigas...*

Fanny – É isso! Bem, isso é normal, mas uma vez que nós contamos todas as horas passadas fazendo coisas que não são contabilizadas, e tal, as pessoas se cansam disso; eu mesma tenho um espírito... eu tenho vontade de me mandar flores, eu sou sincera, não quero ser uma funcionária pública, portanto não quero contar todas as horas que passo, eu não gostaria; mas eu tenho colegas que me dizem: “você se desgasta demais, e por causa de pessoas como você nós damos a impressão de...”, como ainda há desses um pouco em toda parte: “você dá a impressão de que as coisas funcionam”, seria preciso não fazer mais nada fora das aulas para

mostrar às pessoas que as coisas não funcionassem mais. Eu não posso, senão... eu não tenho outras coisas em outros lugares. É verdade que gastamos muito tempo nisso, e creio que as pessoas não sabem.

– *Você calcula quantas horas trabalha por semana? Isso não é calculável?*

Fanny – Escute, este ano, até agora eu não fiz nada extra, a não ser cuidar da orientação na terça-feira, eu não faço nada além do meu... até agora, porque logo vou começar, pois estou dentro de dois projetos de escola – um a respeito da imprensa e outro a respeito do patrimônio – portanto as horas a mais, os filmes, as montagens e outras coisas como essas, e este ano eu não trabalho... eu trabalho perto de dez horas por dia.

[*Ela lembra a assimilação, frequente nos meios de comunicação e com conotação negativa, dos professores aos “funcionários públicos”, ao citar uma declaração do ator Philippe Léotard no programa France Inter, na qual ele fala com desprezo a respeito das reivindicações salariais dos professores, ao mesmo tempo em que esboçava um retrato pouco lisonjeiro de sua “mentalidade de funcionário”.]*

Um desperdício de dinheiro e de energia

– Eu gostaria de retomar um pouco aquilo que você dizia, pois no início a senhora disse: “Temos a impressão de que lutamos muito e que fomos ludibriados”, e a senhora diz efetivamente que você se sacrificou, aí incluído o plano privado, enfim que a senhora pagou caro do ponto de vista da vida privada, já que no fim a senhora se divorciou, a senhora tem a impressão de que, entre outras coisas, é devido também a isso...

Fanny – Entre outras coisas, mas é verdade que isso fazia parte das reclamações...

– *A senhora disse: “Nós lutamos muito...”, esse “lutamos muito” quer dizer o quê? Que a senhora se dedicou demais ao trabalho, que a senhora militou, que...*

Fanny – Eu militei, sim, no início de minha carreira, eu militei, eu redigia relatório sobre relatório, quando estava na escola de St-Germain-en-Laye, de Claude-Debussy, que era considerada na época uma escola-piloto, eu fazia parte de um grupo de trabalho sobre o fracasso escolar, já então, fazíamos experiências, trabalhávamos... então eu redigi alguns relatórios. Temos a impressão que nos altos cargos também tudo aquilo que podemos ter dito, essas coisas demoram tanto tempo para chegar que a situação neste meio tempo já mudou, porque a situação escolar é uma matéria viva, as coisas têm vida, as coisas mudam; então quando a reforma que se tinha desejado dez anos antes acontece, já é tarde demais! No ano passado, aquela pesquisa nacional de opinião (...) eu guardei uma pequena fita cassete; nós brincamos com a fita, fizemos uma fita de vídeo, e Mariette falou destes famosos “módulos”, de um ensino modular (...); havia um momento em que se falava disso e agora isso virou moda. (...) É uma máquina tão pesada para mover... que temos a impressão de que tudo chega tarde demais.

– *Sim, que vocês fizeram muitas coisas mas que o retorno é tão lento que... sim...*

Fanny – Sim, e depois eu não quero acusar a Educação nacional, eu não sei muito bem como as coisas funcionam, eu tenho a impressão também de que no interior desta máquina enorme existe realmente um desperdício enorme, existe realmente um desperdício de dinheiro e de energia;

(...) eu vejo também o perigo daquilo que eu possa dizer, pois falava-se toda hora em regionalização, pois é verdade que numa escala nacional ela é uma coisa pesada, difícil de mover, eu vejo daqui tudo aquilo que pode acontecer. (...) Quando se fala de reivindicações, de meios, de coisas como essas, freqüentemente nos colégios há coisas que acontecem que são dinheiro desperdiçado. Desperdiçado! Eu por exemplo trabalho com vídeo, e agora, eu estou um pouco cansada, é verdade, porque tenho problemas de visão, também, existe minha vida. Eu reivindico o direito de poder parar de fazer coisas que eu fazia antes porque podia, porque tinha vontade, ah bem, não, somos o tempo todo fustigados, porque precisamos continuar o que fazíamos. Eu fazia vídeos com uma equipe. Desde... tínhamos feito um filme, nosso primeiro filme...

[*Fanny lembra de suas atividades do ano passado na sala de vídeo que ela dirige.*]

– *Como são os alunos, como a senhora os definiria?*

Fanny – Grosso modo, no nosso colégio, há dois tipos de alunos, é um colégio do campo, nem mesmo de subúrbio, está na margem das lagoas, poderíamos imaginar que é um pequeno... portanto eu não me queixo, nós não temos os enormes problemas que há no subúrbio norte, não mesmo; mas há dois tipos de alunos, alunos de um meio mais favorecido, aqui há duas grandes empresas, portanto há muitos filhos de engenheiros, estes garotos vão bem, e também um meio rural, empregados humildes, operários humildes de um nível bastante baixo, é verdade, crianças... que não têm ambições; há estes dois tipos básicos de alunos... (...) E também temos de vez em quando, como em toda parte, alunos difíceis, em dificuldades, e então...

– *Isso se manifesta como nas aulas? Aqueles que são difíceis.*

Fanny – Bem, neste ano por exemplo; eu tenho uma classe de quinta, eles são apenas 24; o conjunto não é... o nível não é muito elevado e há três garotos entre eles que têm problemas enormes de comportamento, além disso, na semana passada, há dois, não três deles, então (...), aquele que veio de fora, foi expulso de três colégios e que é altamente instável, um outro que não faz estritamente nada, que foram pegos tentando roubar.

(...) Bem, foi depois disso que os tiras os trouxeram de volta para casa, porque (...) não é a primeira vez que eles roubam, esses garotos, são todos os três, eles formam um bando. Então, com uma turma que já apresenta dificuldades, eles se tornam as vedetes; primeiro, esses garotos são maiores do que os outros...

– *Mais velhos?*

Fanny – Mais velhos, não, todos eles têm perto de 14 anos, 13 anos e meio, 14 anos na quinta; veja só, alguns têm 14 anos completos, são grandes, fortes e, eles então, não sei bem, tenho dificuldade de explicar (...) eles não têm nenhum ponto de referência, não têm medo de nada, de nada. A sanção do colégio, a advertência, a suspensão, eles gostam de receber suspensão, eles ficam contentes; eu evito isso, os pais também estão sem ação, durante três dias vamos suspender esses garotos; eles vão vadiar, não é... Então eles sabem muito bem que não vamos fazer nada, por isso eles provocam, provocam ao máximo, então isso também é um apelo, eles também têm necessidade de que cuidemos deles e é isso que querem o tempo todo e depois de um tempo é exaustivo. É exaustivo!

Um professor da classe, no dia do conselho desta classe, ele veio, estava doente. Trouxe um atestado médico. Ele chegou e

disse, “não posso ficar no conselho”, ele segurava seu atestado como uma desculpa, e isso me fez até mesmo passar mal, veja só, porque os professores, os garotos, os pais ficaram zangados com ele; se poderia quase dizer que era uma maneira de se livrar; ele chegou com um atestado médico dizendo: “é uma turma terrível, a gente se mata de trabalhar! por eles, a gente se mata à toa! à toa, eles são horríveis, são infernais, eu não agüento mais, não agüento mais!”, é isso. E foi embora, uma mãe lhe disse: “melhoras de saúde, professor”, e o caso parou aí. Ele não consegue, com seus garotos, ele não consegue, ele gostaria de ser o professor que transmite um saber, e ele parou nisso, ele é o professor, este é o seu papel e... E as coisas vão mal... é isso. E é um cara extremamente culto. Eu acho que foi o professor de história que me disse isso pelo telefone, porque eles conversaram a respeito da reunião com os pais, é um cara que é muito capaz, se tiver bons alunos! É isso, mas o fato é que não há só os bons!

– *Todos os professores deveriam ter classes com bons alunos [risos].*

Fanny – (...) Às vezes sou obrigada a dar uma de polícia; dois dias atrás, o famoso A., expulso de três escolas, para situá-los em relação a ele, ele estava com vontade de se mexer. Ele deu uma de curioso, na verdade ele busca um contato. Mas é difícil ser ao mesmo tempo professor e educador. (...) Quando temos um menino assim numa classe com garotos já com dificuldades escolares, que se distraem com qualquer mosca que passa, um garoto que fica sonhando acordado o tempo todo, que provoca, etc., isso puxa a classe para baixo, bastam dois meninos assim; ontem à tarde, por exemplo, eles mataram aula (...) eles vão fazer asneiras, são meninos em perigo. Isto me faz mal. Eu me sinto às vezes desarmada com estes garotos e a única coisa que resta é falar, é falar...

– *As coisas eram assim também nos estabelecimentos pelos quais a senhora passou anteriormente, nas escolas?*

Fanny – Não, não, não. Quando eu era uma jovem professora, quando eu estava iniciando, jamais tive que enfrentar problemas como esses, nunca, nunca mesmo, eu fui professora num liceu antes de 68, bem, eu era uma professora como tinham sido meus professores. Eu não tinha contatos assim, pessoais, com as crianças. Mas é aí que está, a mudança de nossa profissão está nisso. Para mim está nisso e creio que muitos professores recusam totalmente este papel.

Ela não agüentou

– Não é mais o mesmo público, não é mais o mesmo...

Nadine – É isso. Não é mais o mesmo público e as pessoas dizem: “mas não temos que desempenhar este papel...”, no ano passado havia uma discussão que fazíamos a respeito desta classe difícil, que tinha sido feito de propósito, eu os tinha pego por dois anos, eu os tinha pego na quarta, os garotos que os professores não queriam. Aí também havia um discurso hipócrita, eu não conhecia nenhum dos garotos, eu tinha sido voluntária, tinham sido pedidos professores voluntários para trabalhar com as crianças, todas em dificuldades, todas instáveis, freqüentemente anti-sociais, no limite da delinqüência e, no fim da quinta, os professores não as queriam mais. Há pessoas que não falam as coisas assim, claramente, “ah não, não, aquele lá não o coloquem na minha classe... Ah não, não, já estou cansado dele, eu já o aturei por um ano, agora chega”. Outro dia eu me enervei com os pais, a propósito daqueles três de que já falei, “Que é que fizeram?”, perguntei a um pai que dizia: “expulsem-nos!”, um pai de aluno

das outras dizia: “se a senhora quiser vamos vir até sua classe, bancar a polícia”, eu disse: “é claro que não, mas digam então, vamos mandar para o forno crematório esses meninos? O que é que vamos fazer com eles? Se vocês fossem os pais destas crianças, vocês não gostariam talvez que nós ajudássemos?”, eles pelo menos se acalmaram. Já eu fiquei nervosa, foi isso que pôs lenha na fogueira, mas... mas por outro lado, aí eu me sinto desarmada em relação à Educação nacional, o estabelecimento escolar, diretor desse jeito, daquele jeito, quando temos garotos assim, não sabemos mais o que fazer. Porque por um lado somos criticados porque nos ocupamos com eles, então as pessoas dizem: “ah, aquele ali, ele só faz demagogia”, eu não posso mais suportar isso. Porque é por isso que eu digo que “não tenho meu trabalho reconhecido...”

Queremos cuidar deles, mas de modo humano. Nós ajudamos as pessoas na África, etc., eu também pertencço ao clube UNESCO, ajudamos as outras pessoas, materialmente isso não dá muito trabalho, é fácil dar uns trocados, um livro, coisas assim, mas ali onde existe realmente um indivíduo, uma responsabilidade diante de uma criança, três quartos vão embora, então é assim, há... e além disso um desgosto com tudo. Este é o grande problema: que fazer quando estamos frente a esses meninos? As instituições não nos ajudam, eu não sei se isso vai mudar, nós temos cada vez mais deles, cada vez mais garotos assim, todo mundo entrando na sexta, a vida sendo o que ela é, famílias separadas, garotos com problemas deste tipo há muitos deles; isso tudo era para explicar as classes difíceis. (...)

– *E foi assim que isso lhe ocorreu, porque a senhora falava agora mesmo de uma professora que está doente, quer di-*

zer que no colégio há pessoas deprimidas, doentes?

Fanny – Ah, sim! Há muitos assim. E já existem pessoas assim há muito tempo. G. que ficou com minha filha, não foi pouca coisa, quando ela teve Valérie na sua turma, ela não agüentou, como se diz, bem, é um termo fácil também, não agüentar. Bem, com aquela classe, dos três, essa colega, ela têm dificuldades, aí podemos dizer, espero que não haja nomes citados, esta mulher mas tem dificuldades enormes com estes garotos. Ela os insulta, eles me contam isto, mas eu não vou lá repreendê-la. Aí também, como professores sempre temos que evitar falar mal de um colega ou repreendê-lo, mas ela, ela... como dizer? Ela resolve seus problemas pessoais com eles, ela tem muita dificuldade, porque eles são difíceis, mas ela não agüenta, ela os insulta e na reunião de pais, enfim no conselho de classe, lembramos estes problemas de disciplina, e ela disse: “eu não agüento mais, não agüento mais! Se isso continuar assim, eu vou parar por três meses!”, isso também é uma fuga, e destas há...

– Há muitas assim?

Fanny – Não posso saber se é sempre por causa dos alunos, não sei...

– É por causa de um mal-estar..

Fanny – Com certeza, quando no ano passado tivemos uma colega que chorou

um dia na reunião..., quando seus meninos... quando eles sentem... quando eles sentem da parte do professor algum desprezo ou um... ou mesmo raiva, pois há professores que não gostam – eles gostam da escola, porque nunca a abandonaram – mas que não gostam das crianças, as crianças os irritam e quando os garotos sentem isso, aí é que eles podem ser maldosos! Um menino disciplinado, bem dentro dos moldes, ele segue seu caminho, na verdade ele nem mesmo precisaria de professor, aquele lá não, é verdade... mas o menino difícil, quando ele sente isso, ele pode ser maldoso (...) eu também não atribuo todos os erros aos professores, mas essa é uma coisa que acontece muito. Eles ameaçaram a professora do ano passado, não lembro que foi que eles disseram, não lembro mais... que eles iriam fazer explodir o seu carro...

– E isso realmente aconteceu ou eram apenas ameaças?

Fanny – Eram ameaças, mas um dia numa reunião, estávamos lembrando estes problemas na reunião geral, lá estavam todos os professores da escola, e ela se pôs a chorar, quero dizer nervosamente... ah, sim, há pessoas que não agüentam mais e eu consigo entendê-las, é por isso que temos, que é preciso... eu creio que quando temos meninos assim, é verdade que é preciso ser resistente, muito resistente. Ou então gostar deles.

GB, janeiro de 1991

“Eu estava em outro lugar”

Fanny – Meu marido – bem, nós já falamos nele, e é verdade que este é um eterno problema – eu creio que ele tinha um complexo em relação a mim, porque eu tinha estudado mais do que ele... por todas estas razões; hoje em dia eu sei tudo isso, mas quando nós somos jovens, a gente fala: de fato isso não tem nenhuma importância.

– *E isso não tinha importância ao fim de três, quatro anos de casamento?*

Fanny – Para mim não, mas para ele, sim. Ele me disse isso depois, ele se sentia frequentemente o “marido de madame”. Os amigos que tivemos, por exemplo, eram amigos que eram meus, nossos amigos eram os meus. E cada vez que os visitávamos... então eu tinha problemas muito chatos, se quiser que eu fale do casal como para um psicanalista, eu tinha problemas muito chatos que eu entendo agora. Mas quando vivemos, por exemplo, o período de Avignon, eu era tão jovem quanto ele...

– *O que é o período de Avignon?*

Fanny – Depois de dez anos em Marly-le-Roi, na região parisiense, nós quisemos voltar para o Sul. E fomos nomeados, ele para Nîmes...

[...]

E partimos para a região de Avignon – que é que eu ia dizer...?

– *O período de Avignon...*

Fanny – Sim, agora me lembro, nós éramos novos naquilo tudo, e de fato, no imóvel onde morávamos, conhecemos uma professora que estava no mesmo colégio que eu, ficamos amigas, o marido era farmacêutico, enfim, na época ele estava no exército, agora ele tem uma far-

mácia em Berre-L’etang, e meu marido conheceu pessoas em Nîmes, pessoas da PTT, mas eu tinha dificuldades para suportá-los. Eu me lembro de uma cena es-pantosa – tenho vergonha disso, agora – é verdade, eu me digo...

– *Mas por quê? Porque...*

Fanny – Porque, primeiro porque eram pessoas, como vou dizer? Primeiro porque eram uns provincianos que adoravam as touradas...

– *Sim, de acordo. Não, mas isso é...*

Fanny – Mas sim, sim, porque... E então, bem, eu não agüentava mais. Eu não agüentei. E fiz alguns escândalos inacreditáveis. (...) Eu sei que eu não os suportava. Por outro lado, antes que nos divorciássemos, ele me apresentou algumas pessoas que são da PTT, que me pareceram encantadoras, que eu ainda hoje revejo, então eu me digo... eu não me atribuo de qualquer jeito todas as falhas, não é a palavra PTT que me deixava louca, mas... Eu sei que reclamei com ele a respeito frequentemente. Não, isso criou muitos, muitos problemas. Que não decorriam daí, mas, bem, que se cristalizavam em torno de tudo isso, e meu marido tinha na verdade complexos extraordinários... eu não o tratava com muita suavidade, eu tenho um jeito de falar muito franco, então às vezes eu devo ter falado coisas que não eram muito gentis.

– *Que é que os pais dele faziam?*

Fui eu que o sufoquei

Fanny – Eles são pessoas realmente simples, operários, meu sogro era caldeireiro, e trabalhava numa pequena empresa de mecânica, para dizer exatamente o que ele fazia... Eu sei que ele ia para seu trabalho,

que ficava a uns dez quilômetros de sua casa, de mobilete; e minha sogra trabalhou por muito tempo no setor têxtil, porque somos de uma região têxtil, mas sem nenhuma qualificação; eu sei que ela era – não, não quero dizer que minha sogra era analfabeta – ela sabia escrever, mas bem... com uma quantidade enorme de erros; eles me escreveram cartas em que cometiam mais erros do que minha mãe, os dois.

Não, eles são realmente operários, e o irmão de meu marido é operário também, operário especializado, trabalha numa empresa mecânica; minha cunhada, ela parou de trabalhar porque na indústria têxtil – disseram a ela – eles fizeram muitas demissões, e então ela foi para casa, eles têm três meninos, que são operários também, e seus filhos vão bem na escola. O mais velho, eu falei dele ontem com minha sogra, o mais velho está na terminal C, ele quer ser engenheiro e está bem. Vocês vêem, não é, eu não sei se é o meio; eu acredito que existe uma harmonia familiar que faz com que os meninos depois se virem melhor, porque na casa deles podemos dizer que existe um ambiente realmente... meu cunhado, por exemplo, ele não me escreve nunca porque ele não sabe escrever. Ele comete erros em todas as palavras.

[...] Eu nunca me coloquei a questão da igualdade dos sexos; quando conheci meu marido, me casei com ele sem me colocar todas estas questões e depois, de fato... eu creio que fui eu que o sufoquei, é o que me dizem, eu não sei bem, não sei, mas penso que sim. Porque, bem, está ligado ao meu temperamento. Eu sou muito orgulhosa, adoro me impor em qualquer lugar; aí realmente, fazemos psicanálise barata, mas é verdade; esse é meu temperamento.

– Mas em que sua profissão o incomodava... em quê?

Fanny – Mas então, nisso...

– *No entanto, um professor tem muito tempo?*

Fanny – Não, não, francamente, as férias são boas, mas em casa um professor de francês, ao contrário do que se pensa, não tem muito tempo. No primeiro ano em que trabalhei em Paris, eu chegava em casa às sete, sete e meia, e logo em seguida era preciso me pôr a fazer as correções, a preparar as aulas. Não, e além disso eu creio que é uma profissão que nos ocupa muito, e como meus amigos eram colegas, professores, quando a gente se via, falávamos muito de trabalho; isso incomoda muito os maridos. E é insuportável, hoje eu sei. Mas naquela época, nós continuávamos. Isso acontece; eu tenho um casal de amigos, ele é médico, ela é professora, e nós somos obrigadas quando comemos juntos a parar de falar do trabalho. Porque via-se... que ele não gostava. Não, não sei se era... bem, isso o irritava, o incomodava. Eu acho que eu também falava demais, e isso também incomodava muito a meu marido. Mas aquilo que o incomodava mais no nosso... Não, ele me disse com frequência: “eu era o ‘marido da madame’”, eu acho que não era devido totalmente, totalmente – meu trabalho contou – mas foi devido principalmente a meu temperamento.

– *Sim, a senhora dizia que era pouco disponível... pouco disponível para ele, afinal...*

Fanny – Sim, isto mesmo, pouco disponível, sim, e pouco disponível para as meninas, é verdade; isso é verdade e somou-se, isso se somou ao jeito como eu era, e não deu muito certo. Penso que se eu tivesse sido uma dona-de-casa, eu não quero... teríamos tido uma vida diferente.

– *Mas isso parece um pouco como se, eu sinto assim, pode ser que me engane, mas parece um pouco como se ele tivesse*

sentido que a senhora seguia o caminho para ser uma intelectual e que ele seguia um outro caminho, enquanto que ele tinha outros projetos, no começo dos projetos de estudo...

Fanny – Sim, creio que foi isso também, houve disso e é essa, talvez esta seja a razão pela qual, agora, eu detesto tanto os intelectuais. Eu parei no caminho. É verdade, eu creio que o fracasso de minha vida de esposa fez com que eu desconfie de tudo o que... porque na época, faz tanto tempo, eu gostava de sair, eu gostava de ir ao teatro. Agora eu não compro mais nenhum disco, só de vez em quando; não, e depois eu não tenho um aparelho para escutar bons discos, não tenho dinheiro para comprar um bom equipamento, portanto eu não escuto mais. Antes eu era ávida para saber tudo, para conhecer tudo, para fazer isso, fazer aquilo, mas então, depois do meu divórcio passou completamente. Por que quer saber, por quê? Mas é verdade que no começo eu era assim, mas ele gostava, ele gostava bastante de todas as nossas saídas e depois certamente que, ele me disse, ele me repetiu freqüentemente: “eu não passava disso, de um ‘marido de madame’”. Era eu que dirigia o barco, me parece.

*O maior, o maior fracasso
de minha vida*

– E as filhas, a senhora não tinha muito tempo para as filhas?

Fanny – Não, eu creio que as filhas sofreram muito por causa de tudo isso, já com nosso desentendimento no começo. E depois a verdade é que eu não tinha muito tempo para elas.

[...]

– O que é que as meninas fazem agora?

Fanny – Bom, as meninas tiveram um trajeto, então elas, de fato... Laurence, a

que me causa preocupação, é educadora especializada, ela deve receber seu diploma, em breve. Não sei o que ela anda fazendo, porque desde fevereiro eu a tenho visto pouco, de forma que isto também não é por acaso. Eu creio que ela sofreu tanto por causa da minha falta em sua... nós falamos disso, nós chegamos a falar disso agora, de sua juventude, de sua infância em que ela, ela cuida de garotas com problemas. Ela trabalha num centro, ele cuida de casos de ordem social, de crianças de quinta, e Valérie deixou a escola no dia da partida de seu pai, e não quis mais colocar seus pés na escola, ela também passou a achar que os professores eram todos umas nulidades, uns pobres coitados, inclusive eu mesma. Que não éramos capazes de compreender o que quer que fosse dos jovens e depois como – eu rio, mas um pouco de nervosa, durante anos aquilo foi como as galés, como dizem os jovens, as galés, histórias muito, muito pesadas.

– Ela tinha que idade quando deixou a escola?

Fanny – Ah bom, ela estava na primeira, que idade ela tinha?

– 16 anos, 17 anos? E agora...?

Fanny – Sim. E agora ela trabalha com horticultura mas isso a agrada porque ela está sempre ao ar livre, é uma moça completamente marginal, Valérie, e a outra... minhas filhas são gêmeas; eu creio que ela teve dificuldades para enfrentar as exigências, ela tentou de tudo um pouco, tentou trabalhar num escritório, fez estágios, agora ela está ao ar livre, apesar... eu me espanto, aliás, que com o fato dela ser tão assídua, apesar do frio ou apesar do calor, ela continua a se interessar pelas flores. Depois de dois anos, dois anos, não, meu marido partiu em 85, com ela eu vi a luz no fim do túnel, digamos, ano pas-

sado. Mas realmente aí está o maior, o maior fracasso de minha vida.

– *Por que, se ela conseguiu se pôr de novo sobre seus próprios pés?*

Fanny – Não sei, porque eu acho que elas são infelizes. Eu vou chorar se falar de coisas como essas. É verdade, é uma coisa da qual tenho muita dificuldade para falar.

– *Sim, mas agora elas têm cada uma seu caminho e elas têm... Elas têm que idade?*

Fanny – Elas têm 23 anos, eu acho que elas estão... como dizer? Irremediavelmente feridas, estas duas meninas, pela vida dos seus pais.

– *A senhora morou muito tempo com seu marido?*

Fanny – Sim, 20 anos. Mas eu acho que fizemos tantas asneiras, todos os dois, porque não estávamos maduros para o casamento; porque eu, eu estava com a cabeça em outro lugar; porque não estávamos preparados para ter filhos; e o ofício de professor aí no meio, não ajuda em nada. Isso não me ajudou em nada, nas minhas relações com as meninas. Em nada, em nada...

– *A senhora pensa que uma outra profissão poderia ter sido mais fácil?*

Fanny – Não sei. Não, isso eu não posso dizer porque eu tenho outros exemplos em que eu digo... lá, meus amigos, aquela senhora, minha amiga – eu disse aquela senhora, que idiota – minha amiga é professora, o marido é médico, trata-se de um outro meio, eles têm mais dinheiro que nós; eles também tinham problemas conjugais porque ela... ela, ao contrário, era ela que era desprezada pelo marido, e mesmo agora, quando eles brigam, ele está sempre a ponto de dizer a ela: “vocês professores são todos uns inúteis, etc., etc., eu (ele é médico do trabalho) vejo

rapazes que vêm até minha casa para ser pedreiros, ou para trabalhar na construção, que são analfabetos, etc., que é que vocês fazem na escola?” Em resumo, todos os seus problemas, eles têm problemas. Eles têm problemas conjugais – é difícil falar sobre qualquer outro –, mas há problemas, sim. Eles têm filhos adoráveis que não sofreram muito por causa de tudo isso, mas que estavam sempre ao par de seus problemas, que ouvem tudo. E as coisas funcionam apesar disso. Um deles está na preparação para letras, portanto em Savigny, o outro está na terceira, portanto são garotos perfeitamente equilibrados, que não têm problemas escolares, de forma alguma; entretanto, problemas conjugais, aí também, eles existem, e as coisas continuam. Porque ela – eu a comparei um pouco ao meu marido, se vocês concordam – na medida em que tinha uma relação difícil com seu marido, ela ia procurar em outra parte as compensações, do mesmo modo que o meu marido, que procurava em outros lugares as compensações. Mas não sei se isso é devido à profissão.

– *Mas noutra dia a senhora dizia que quase todos os colegas, quando há um professor no casal ou os dois, enfim, entre seus colegas, há muitos deles que se casaram com professores e tudo o mais. E os outros também. A senhora dizia que com quase todos, num dado momento, as coisas vão mal, não é?*

Fanny – Ah sim, as coisas vão mal entre os casais, mas alguns resistem, alguns deles resistem ao “as coisas vão mal”; há montes de casais em que as coisas vão mal e que continuam juntos. Bem, mas isso... Para mim, meu maior problema é o efeito que isso pode ter sobre as crianças. No meu caso as coisas não deram muito certo. Eu conheço casais que vão mal, eu ouço reflexões, mas apesar de tudo...

– *As coisas continuam seguindo seu caminho? Em relação às meninas?*

Fanny – Continuum, é isso. Existem enganos de uma parte e de outra, eu não sei da intimidade dos outros, por exemplo, eu tenho amigos na Bretanha, o marido é inspetor de impostos, ela é professora de inglês, quando ele fala de sua mulher, ele diz: “ah, que é que você acha que ela está fazendo? Ela está fazendo correções, eu não agüento mais, etc.” Agora ele está tirando férias sozinho, tem amigos na Polônia, eles receberam poloneses em casa, e assim as coisas vão indo. O que é que acontece, eu não sei. Se eles resistem a tudo isso, muito bem, mas isso cria problemas, com certeza. (...)

Eu era muito romântica

– *E será que as suas carreiras, a sua e a de seu marido, foram pouco a pouco se afastando? A senhora disse que ele era aspirante no início e que depois ele se tornou conferente. Bem, eu não consigo entender muito bem o que isso representa numa carreira.*

Fanny – Agora ele é conferente. Quando ele me deixou ele ainda era aspirante. Afastadas... não, eu não me interessava muito por aquilo que ele fazia. Eu nunca encontrei interesse por aquilo que ele fazia.

– *E o seu interesse comum era qual? Pois vocês ficaram 20 anos juntos, devia haver alguns bons momentos?*

Fanny – Sim, mas nosso interesse comum – mas como a senhora falou? – para mim, é idiota o que vou dizer, para mim era um amor de juventude, eu era muito romântica, depois eu me casei, e acreditava que aquilo ia durar para sempre. É tudo. É nosso interesse, bom, estávamos juntos, saíamos até que bastante. Havia isso; estes eram bons momentos. Mas é verdade que... sim, houve bons momen-

tos. Íamos ao teatro, como eu disse, saíamos de férias com a família, era uma pequena vida tranqüila, eu não sou muito ambiciosa e estava satisfeita com tudo aquilo. Sem saber verdadeiramente onde estava a falha; e depois quando ele começou a ir buscar coisas em outros lugares para certamente encontrar uma outra imagem dele mesmo além daquela que eu proporcionava, já era tarde demais, é tudo. Mas eu não tinha me dado conta até então; e mesmo isso durou muito tempo; mas é verdade que seu trabalho nunca me interessou. É verdade, eu tinha este lado, como dizer? Intelectual, não sei bem, se, sem dúvida, eu me interessava por muitas outras coisas e o seu, aquilo me parecia um pouco... Eu me dizia: ficar datilografando coisas, etc., não é apaixonante, isso não me interessava. Bem, de tempos em tempos, como eu lia nas revistas femininas que era preciso se interessar pelo outro, bom, aí eu fazia um esforço. É verdade! Eu tenho muitas dificuldades nisto aí, aquilo não me interessava em nada, e agora eu estou desligada de tudo aquilo. De verdade.

– *Sim, a senhora já tinha o bastante com sua vida profissional? Em suma, isso preenchia sua vida?*

Fanny – Sim, sim, meus amigos que me viam viver me disseram, “seu trabalho era tudo”, então eu nego isso, porque eu não achava assim.

– *Sim, mas o trabalho, os colegas, tudo isso, com tudo aquilo que existe em volta? Não unicamente as correções, não havia somente as correções, não é?*

Fanny – Sim, é isso, o trabalho, os alunos, os colegas, isso preenchia minha vida.

– *Os colegas eram importantes?*

Fanny – Sim, também. Sim, sim, são amigos. Os colegas, alguns se tornaram amigos. Isso preenchia minha vida. Então

meu marido, eu tenho a impressão de que ele ficava de lado. E além disso eu acho que ele sentia as coisas assim. Quando ele me disse: “eu era o ‘marido de madame’”, era isso, mas...

– *A senhora tinha outras atividades, fora sua vida na escola?*

Fanny – Como assim, atividades?

– *A senhora me disse que não era militante, mas animar...?*

Fanny – Ah! militante (...) eu tive um período; quando estava em Avignon, eu era secretária de uma célula, éramos do PC, nós dois, meu marido e eu, ele mais militante que eu e eu durante um tempo fui secretária de célula. Será que eu era secretária de célula com convicção? Não sei.

– *Durante quanto tempo?*

Fanny – Dois anos. Era uma época em que eu acreditava em muitas coisas, agora porém, a este respeito... esfriei, literalmente. O que eu fazia? Eu praticava esportes, eu pintava.

– *É bastante coisa, com duas filhas, marido, a escola, não é?*

Fanny – Mas não todos os dias; que mais eu fazia? Eu escrevia poemas, e outras coisas. Não, eu tinha uma vida tranqüila, não, quando eu penso nisso. Tranqüila, não, eu estava bem, deste jeito, eu não me dava conta de nada. Isso bastava...

– *Não mesmo? Nem um pouquinho? Não se dava conta nem um pouco?*

Fanny – Não, não, não. Não, não, não, eu só me dei conta realmente, quando meu marido me disse – mas ele me enganava, eu o sabia, ele tinha aventuras – quando ele me disse que ele já não queria mais realmente ficar ao meu lado. E eu nunca tinha percebido essas coisas. Eu pensava que, bem... eu não sei...

– *A senhora não viu chegar?*

Fanny – Não. E agora, será que... eu me pergunto se isso se deve realmente ao trabalho, ao trabalho que eu realizava, não sei, ou talvez a coisas mais profundas que vinham de mim, de minha infância, de minha mãe, de seu desejo de me ver desta ou daquela maneira. Não sei, eu queria de qualquer modo ser diferente dos meus pais, que eram operários.

– *Sendo assim, seu marido era um pouco como eles? Em certos aspectos...*

Nossos amigos eram os meus

Fanny – É isso. Sim, enfim... Eu acho que ele sofreu muito por comentários, eu penso umas coisas tão bobas sobre isso. Nossos amigos eram os meus e, bem, professores. Um deles, uma vez, não sei mais a propósito do que, ao longo de uma brincadeira qualquer, disse falando do meu marido, mas enfaticamente, ele disse: “mas ele descobriu a pólvora”. E eu acho que isso lhe fez muito mal. Nós levamos aquilo na brincadeira, e depois outras coisas como essa; eu creio que, no meio dos professores também, eu tinha colegas que eram... sobretudo os colegas da região parisiense, quando ficamos por ali, que eram verdadeiros intelectuais. Intelectuais no verdadeiro sentido da palavra, que colocavam acima de tudo as discussões filosóficas, etc. Um deles, não sei mais o que ele faz agora, eu li seu nome em algum lugar, um dia durante um debate, ele deve ter subido, (...) e eram filhos de burgueses, não era de forma alguma o mesmo meio que o nosso, eram filhos, realmente de burgueses, os que eu chamo de intelectuais. E eles eram muito desdenhosos. Eu acho... bem, esta reflexão mostra bem; eu não queria aceitar, eu não queria admitir isso. Por isso, diante deles eu estava à vontade, com eles eu estava à vontade, mas meu marido não estava e eu não via isso. Eu não queria ver isso. Eu acho que tudo isso lhe fez muito

mal, pois ele era um homem que não era idiota, mas que neste meio intelectual burguês não soube se defender. Depois cortei relações com todas estas pessoas, completamente. (...) Minhas filhas também sentem uma verdadeira aversão pelos professores.

– Ah, é?

Fanny – Ah, sim. Com exceção de Laurence, que encontrou um que era legal, se vocês ouvirem o que elas dizem dos professores, mas é por minha causa.

– O que é que elas dizem?

Fanny – A maior parte dos professores que elas encontraram eram pessoas egoístas, fechadas em si mesmas, com quem elas não podiam conversar, etc. Bem, é verdade que eu também encontrei muitos deles que eram assim também.

– Com os quais não se pode conversar?

Fanny – Ah, sim. Quando Valérie se ausentou, eu estava em plena depressão, foi no dia em que o pai dela partiu, no dia da volta às aulas após a Páscoa em 85, que Valérie deixou a escola. Eu, durante um momento, não soube de nada, pois ela pegou sua bolsa de manhã, como quando ia para a escola. E quando eu quis conversar com os professores, eles se protegeram por trás da legislação, eu entendo, eu também sou professora, eu conheço as regras, mas não houve uma só pessoa para ajudar, a ela e a mim, eu, naquele momento, não estava muito aberta para ela, eu estava preocupada com meu problema, então eu disse a ela: “é preciso ir à escola”, nós conversamos um pouco a respeito, mas não encontrei ninguém para ajudá-la. Eu fui muitas vezes ao liceu. Então ela, ela os (...).

– Ela abandonou completamente o liceu, ninguém a ajudou a se reintegrar novamente?

Fanny – Não, quando eu penso, se ela tivesse encontrado alguém... por exemplo, se eu a tivesse trazido comigo para a escola, necessariamente o pai esteve ausente durante... é o que elas dizem, elas não tiveram pai, por assim dizer. Por isso mesmo, elas sempre foram muito ligadas aos professores homens; e no meu colégio, onde eu tinha colocado Valérie, havia um professor de história e geografia que parecia vagamente com meu marido, com sua barba, e ele fez milagres com Valérie, ele conseguiu reintegrá-la, pois ela era uma menina difícil. Elas tinham uma verdadeira aversão pelos professores. Hoje eu me sinto culpada, não me orgulho em dizer... por isso eu tento ser, por causa delas sem dúvida, eu tento ser uma professora muito atenta aos meus alunos.

[...]

– Será que não teria sido mais fácil permanecer no Sul?

Fanny – Mas eu não quis ficar no Sul, de jeito nenhum. Fui eu quem tomou a decisão. Fiquei muito entediada no Sul. De fato, este é o problema de... eu analiso as coisas assim, agora... Eu deixei muito cedo meu vilarejo natal que eu adorava para ir para a cidade, pois meus pais iam trabalhar na “cidade” – à cidade entre aspas, pois é um povoado muito, muito grande; este foi meu primeiro desenraizamento, eu era muito criança, ainda não estava na escola, mas me tranquei em casa durante um mês; este foi meu primeiro desenraizamento. Depois, mas eu tenho disso uma lembrança... bem... pungente desta partida. E depois, bem, houve os anos de internato e depois Toulouse, e depois Paris até que finalmente não sabíamos mais onde estávamos. Eu acredito que se tivéssemos permanecido no interior, teríamos tido uma vida mais calma, à imagem da do meu cunhado, mais simples, mais tranqüila. E o fato de não ter sua família por perto é uma desvantagem

quando se começa a vida. Eu acredito nas famílias, eu estou voltando a esses valores de antigamente, eu creio que é importante o núcleo familiar, todo este tecido familiar, os pais que estão por perto, etc., que obriga as pessoas a... como dizer, a prestar atenção nelas mesmas, a prestar atenção nos outros. Lá, nós ficamos um pouco entregues a nós mesmos, e deste jeito acabamos um pouco destroçados.

[...]

– Ah! ele voltou para o Sul, então? Depois?

Fanny – Sim, sim, ele voltou para o Sul em 85. Agora ele é conferente num pequeno escritório e eu acho que, ele também, abandonou... ele deve ter uma vida muito, muito difícil, ele abandonou de certa forma todo tipo de ambição. O que ele quer agora, como eu, é ficar tranquilo no seu escritório. Então, eu não sei muito bem aonde ele está, mas em todo caso, as meninas não o vêem nunca.

– Desde o dia em que foi embora?

Fanny – Sim, mas mesmo antes, antes de deixar a região de Paris, ele não chegava a vir em casa, ele nunca se interessou realmente por elas. Isso também, isso conta, isso não tem nada a ver nem com o seu trabalho, nem com o meu, eu acho que é talvez porque ele era muito jovem quando elas nasceram, 19 anos, foi preciso assumir estas duas meninas; ele nunca realmente se interessou por suas meninas. É o que elas dizem hoje, e isso também eu não enxergava. De uma vez por todas, a grande falha da minha psicologia, é que eu acredito – agora eu não acredito mais – é que eu sempre acredito que as pessoas são como eu, que elas reagem como eu. Eu faço as coisas, eu vejo as coisas do meu jeito, eu tenho a necessidade de fazer as coisas... eu tenho a necessidade, não sei mais agora, eu sei que sou assim e que isso é um defeito. Mas eu faço tudo se en-

caixar no meu modo de ver. Então é preciso que as coisas sejam do jeito que eu quero que elas sejam. E eu vejo as coisas assim, e não me dava conta de todos estes problemas. Às vezes, havia choques, umas... não, então eu assumia, e as coisas andavam.

– Por que a casa devia funcionar? Vocês eram quatro mesmo assim, era a senhora que cuidava da casa?

Fanny – Sim, as coisas funcionavam, elas funcionavam. Sim, efetivamente, as coisas funcionavam.

– Isso não é pouco, cuidar disso.

Eu as amo, isto basta

Fanny – Pois é. É assim todos os problemas interiores das pessoas, eu não os via ou então eu me dizia, “isto não é grave, eu as amo, isto basta”. Então, de que temos que falar ainda? Eu não sei, eu estou falando de mim, não sei se isso está na direção que vocês querem?

– Sim, sim, absolutamente.

Fanny – É como se eu estivesse com um psicanalista, não é?

– Ah não, de jeito nenhum!

Fanny – Ah! mas eu já fui ver um! Algumas vezes.

– Ah, bem, a senhora já consultou um?

Fanny – Sim. Não para mim, mas quando Valérie se drogava, eu fui ao psicanalista.

– Ela ainda se droga hoje em dia?

Fanny – Não, ela toma ainda algumas pílulas. Eu li em alguns livros de medicina que isso não era muito grave; de qualquer modo, eles se compram nas farmácias, simples assim. Não, mas ela se drogou durante dois anos com heroína, não regularmente; quando percebi, foi porque ela concordou, enfim, eu sabia que ela levava

uma vida de vadiagem, mas felizmente ela morava comigo. Quando ela quis que eu soubesse, ela fez com que eu soubesse.

– *E então a senhora foi consultar o psicanalista para conseguir ajuda para ela? Com ela?*

Fanny – Não. Sozinha. Quando eu comecei a perceber o que estava acontecendo, eu fui ver meu diretor, o ex-diretor, porque agora ele é diretor em Trappes, ele me conhecia bem, ele conhecia meus problemas, eu conhecia os dele, não éramos realmente amigos, mas estávamos de certa forma ligados, e ele me deu o endereço de um centro em Ivry que se chama SOS-Acolhida, que se ocupa de jovens assim, um pouco perdidos; e o psicanalista me disse: “vamos começar por você”, então eu concordei e contei para ele tudo aquilo que eu disse aqui; e ele me... os psicanalistas... aquilo passou, eu lhe contei, aquilo não me fez avançar um milímetro. Não. E neste meio tempo meu pai morreu e depois, aquilo me incomodava um pouco de ter de voltar lá, porque eu não sabia mais o que dizer a ele, e eu disse, “escute, eu não virei mais, meu pai morreu”, e eu estava tentando digerir aquela morte, pois na verdade aquele também foi um acontecimento importante na minha vida. (...)

– *Isto é recente?*

Fanny – 87. Face a face com minhas filhas também, eu passei a ver as coisas de outro modo. Porque, durante um tempo, sempre com meu lado de professora, eu não admitia que minhas filhas não estivessem seguindo um caminho correto e muitos problemas vinham daí. Além disso, diante daquele homem morto, eu disse a mim mesma que tudo aquilo não tinha importância.

– *Mas no início a senhora não queria sair do seu canto, e agora a senhora não quer mais voltar para ele.*

Essas pessoas querem impressionar

Fanny – Não, não é que eu não queira mais voltar para lá. Eu acredito que os amigos que eu tenho aqui são muito importantes, eu teria dificuldade em deixá-los. Porque eu já os deixei em Avignon, não é... lá, eu tive realmente dificuldade. Todos os anos eu digo que vou pedir minha transferência. [*Conversa a respeito do vídeo*] Eu também tenho vergonha, mas por que tenho vergonha? Entretanto eu não renego de jeito nenhum minhas origens. Vocês podem ver as pessoas que chegam do interior, eu poderia ter perdido meu sotaque, fazer esforços para isso. Eu ainda mantenho contato com meus sogros. Ela me disse: “Fanny, o que eu gostava em você é que você era simples”.

– *Você “era”...*

Fanny – Você era, porque agora... para ela o divórcio é... eu creio que isso foi muito difícil para meus pais também, mesmo assim; meu pai teve muitos desgostos por causa disso, e meus sogros também; ela me disse, “você era”, porque acabou, porque eu não posso mais ir até a casa deles como eu ia antigamente, ela me disse, “você era simples, você não criava dificuldades”, eles me viam assim, eu creio que para pessoas que são operárias, eu os... Minha irmã tem amigos que são professores primários, são professores e que ficam fazendo aquilo que eu chamaria de fanfarrônicas. Será que é assim mesmo ou sou eu apenas que acho, eu desconfio tanto dessas pessoas que querem impressionar, mas quando eles estão com outras pessoas, podemos perceber que são professores, eles mostram isso.

– *Percebe-se? É engraçado!*

– *Por outro lado, a senhora dizia que sua mãe tinha ficado decepcionada ao ver que a senhora tinha muito trabalho, que quando ela via a senhora chegar, ela achava que o professor era um funcionário...*

Fanny – Sim, eu acho que ela se deu conta disso quando ela veio aqui durante o período escolar, ela se deu conta de que era um trabalho que exigia muito. Eu acho que ela entendeu algumas coisas porque – mesmo que ela não saiba tudo – a respeito de minhas filhas ela sabe o bastante para ver que as coisas aqui não correspondem exatamente à norma, etc. E então ela atribui toda a responsabilidade, e é verdade que é aí que ela está – aos problemas conjugais, ao meu temperamento, etc., etc. Mas ela percebeu pelo menos que este trabalho não era tão folgado quanto ela pensava: não ter nada para fazer, voltar logo para casa, as férias, é fantástico, etc., etc., minha mãe achava que era assim. É verdade que ela via este lado... ao mesmo tempo o poder e a tranquilidade. E quando ela veio, e ela veio aqui várias vezes com meu pai durante o período escolar, ela percebeu que eu, à noite, ah, estava exausta!

E depois, mesmo nas férias, eu preciso trabalhar, mesmo... eu vou viajar na Páscoa, e certamente terei, no mínimo, 90 testes para corrigir. É realmente preciso que eu faça isso, eu tenho coisas a preparar. Durante as férias, os mais velhos estão mais tranquilos, mas eu trabalho para a escola. (...) Meu grande sonho é levar as meninas a Arriège. Mas eu acho que talvez não consiga porque acho que vou receber minha nomeação para o liceu; mas eu gostaria de levá-las para conhecer minha região antes que ela seja definitivamente estragada, porque estão dando hoje muita ênfase ao turismo em Arriège, e eu acho que logo, logo, as coisas lá não serão mais como antes.

– *Em que parte de Arriège?*

Fanny – Eu nasci num vilarejo muito pequeno chamado Lérans, mas no momento

da indústria têxtil e do rugby, bem, hoje em dia a equipe deles está um pouco fraca. Arriège, a cidade principal, é bem pequena, como é mesmo? Foix. A Prefeitura fica em Foix. Não, não é muito grande. Mas lá existe um castelo muito bonito. É um lugar bonito, eu gosto muito de lá. Mas eu não moraria lá, além disso estou bem aqui, consegui uma boa posição, é minha política da estabilidade, eu estou aqui, e só tenho um medo, pois este apartamento é meu e de meu marido, o medo de ter de me mudar, de mudar muitas coisas; eu sempre tive medo de... eu sofri tanto nestes últimos anos que eu sempre tenho medo das mudanças. Mas, bem, isso vai acontecer, mas se eu precisar me instalar em outro lugar, isso me deixaria nervosa. E de fato quando perdemos as raízes – eu me sinto realmente desenraizada – somos obrigados a procurar outras raízes. Eu as encontrei com os amigos que eu fiz aqui. Talvez também eu seja apegada a este lugar porque vivi aqui com meu marido. Ainda que não tenham sido os melhores momentos da minha vida.

Mas eu teria dificuldade em morar em Arriège, eu adoro Paris. Eu vou para lá de vez em quando, não com muita frequência, mas eu adoro Paris, eu adoro esta cidade. Eu não sei por que, mas gosto das ruas, gosto de passear, eu passeava bastante quando era professora na Charlemagne, eu tinha muitos intervalos no meu horário de aulas e eu era uma jovem professora, tinham se preocupado comigo! Intervalos por toda parte. Então eu tinha tempo para passear e é verdade que adoro esta cidade. Quando eu dizia isso ao pessoal do Sul, eles me diziam que eu estava meio louca. Paris, para eles, é repugnante. É tudo preto.

RC, abril de 1991

Rosine Christin

A aula de francês

Hoje em dia, Colette F. considera que sua “condição” não é tão ruim já que, no colégio de Meaux onde ela ensina desde seu sucesso no concurso de admissão, dois anos atrás, ela já conseguiu receber como atribuição “duas terceiras séries e duas quartas logo de saída”, ou seja, aquilo que ela pediu; a última a chegar, professora-auxiliar, terá direito ao que resta, as turmas mais difíceis e os piores horários: não é certo que ela possa agüentar.

Após seu mestrado e um primeiro fracasso no CAPES, Colette decidiu arrumar um cargo de professora-auxiliar enquanto prosseguia seus estudos. Ela tinha entregue seu curriculum em muitas academias próximas de Paris e se viu designada para Beauvais, para uma substituição de longo prazo. Ela ganhava um pouco mais do que o SMIG e no princípio “isso (lhe) parecia fabuloso”, já que ela não tinha realizado até então nada além de pequenos trabalhos: afinal ganha-se bem e as férias chegam bastante depressa. Ela rapidamente desencantou-se com as classes “terríveis”.

Dois anos mais tarde, ela fracassou no concurso para professor, mas foi recebida no CAPES e escolheu o posto de titular acadêmico, à disposição da academia de Amiens, o que lhe permitia não abandonar a região parisiense e ao mesmo tempo ensinar por um ano escolar completo num mesmo estabelecimento. Ela foi então nomeada professora de francês num estabelecimento situado em uma zona industrial nas proximidades de Creil. Este “colégio *Pailleron*” comum, dois retângulos de concreto e alguns edifícios pré-fabricados aquecidos por aquecedores à óleo, é freqüentado por filhos de operários, na sua maioria imigrantes, morando em conjuntos habitacionais. As brigas, a violência verbal aí são diárias, mas se alguns dos irmãos mais velhos são “conhecidos da polícia”, os alunos estão ainda próximos da infância, mais instáveis e agitados do que delinqüentes. Uma certa ordem escolar ainda se mantém, e, à primeira vista, as regras comuns aí são lembradas, senão respeitadas: assim é, descrito por Colette F. este colégio comum, igual aos que se encontram um pouco por toda parte na França. Em algumas classes, mesmo nas menores, a droga está presente e se aparentemente nenhum tipo de tráfico se realiza, ao que parece, no interior do estabelecimento, para gran-

de alívio dos professores, mal-estares e perdas de consciência por overdose aparecem às vezes de modo trágico.

Nos anos precedentes, ela tinha ensinado em Château-Thierry, num liceu “sem problemas, onde ela não tinha nunca tido de colocar ninguém de castigo, a não ser por não ter feito alguma lição”. Tranqüilizada por esta experiência de um ensino mais conveniente, ela “cansou a beleza”, como ela disse: desde o dia de Todos-os-Santos, seus novos alunos tinham percebido sua fragilidade e ela tinha tido de lutar ao longo de todo o ano para evitar os piores excessos.

Ela precisa cumprir uma carga de trabalho de 18 horas em cinco dias; os mais antigos no estabelecimento, os mais velhos também, os PEGC, bem colocados na região e no colégio, bem conhecidos pela administração, reclamaram dos horários sob medida. Os “titulares acadêmicos”, que se revezam na Academia, nomeados por um ano, apenas, em cada estabelecimento, mais jovens, freqüentemente recém-saídos do CAPES, não estão tão bem servidos. Desde seu sucesso no exame, ela deixou seu quarto de estudante para se instalar num apartamento um pouco mais confortável, no 18º distrito, próximo à estação do Norte que serve à região de Amiens. Há poucos trens no meio do dia e ela toma quatro vezes por semana o das sete horas e quatro minutos; acorda então às quinze para as seis, e deixa seu apartamento às seis e meia. Ela reconhece outros professores, na plataforma de embarque, bem numerosos em alguns dias. Cumprimentam-se de longe e, como que segundo um acordo tácito, cada um procura um lugar entre os desconhecidos para terminar sua noite tranqüilamente ou corrigir algumas lições. Não há nenhum ônibus na chegada do trem e é preciso então se reagrupar para tomar táxis: “eles aceitam três pessoas, pela quarta é preciso pagar um acréscimo, para uma bolsa muito grande também.”

Neste momento Colette se sente “ligada”; ela pensa nas turmas difíceis; como fazer hoje para que eles se comportem. Três horas de aulas de manhã, duas à tarde no dia mais carregado. Entre as aulas, ela descansa um pouco na sala dos professores: uma sala sombria, mobiliada por alguns assentos de plástico moldado, duas plantas verdes e, acima de tudo, pelo grande consolo de uma cafeteira elétrica, à volta da qual as pessoas se aquecem, cochicham umas com as outras, se lamentam. O ambiente aí não é muito bom e uma rivalidade velada persiste ao longo de todo o ano entre PEGC, os “antigos” e os mais novos.

O colégio está isolado numa zona industrial e não é o caso de se ir a um café nem de “antecipar as compras”. À noite, aqueles que têm carro “ajudam os parisienses a chegar a uma estação de trem ou a um ponto de ônibus: é o melhor momento do dia, diz Colette, nós tagarelamos, estamos mais descontraídos”.

Ela se lembra sobretudo de uma turma de quinta, cujos alunos tinham entre 14 e 16 anos: “no dia em que dava aula para eles, eu estava muito nervosa... eu não tinha dormido bem, e a cada momento me dizia ‘bem, e desta vez, como vou fazer para que eles permaneçam sentados’”.

Desde a subida para as aulas, por escadas e corredores cobertos de pichações, lugar de um vai-e-vem permanente, de uma perpétua ebulição (uma “verdadeira panela-de-pressão”), “nós sentimos que estamos em maus lençóis”. A cada andar, de ambos os lados de um corredor central, dez salas de aula, cujas divisórias envidraçadas a meia-altura, são uma grande fonte de diversão pois “basta pular um pouco para se fazer de idiota ali em cima e atrapalhar a aula que está sendo dada”. O dia todo, os retardatários, os atrasados cruzam com todos aqueles que “foram expulsos da aula”, enviados para o orientador pedagógico cuja sala está situada no primeiro andar de um dos edifícios.

O primeiro teste é a formação da fila na porta da sala de aula: “Nem isso é possível... há uns 15 (dos 30) que se colocam em fila, mas tem um que interpela um colega de outra classe, mandam beijos, após uma discussão qualquer por causa de sei lá o quê... O tempo todo se ouvem insultos (o mais freqüente: “é a mãe!”) e violência verbal. Se, nas escadarias, um pisa no pé do outro, lá vem uma chuva de insultos, e o outro, evidentemente acreditando que sua honra foi maculada, vai querer deitar umas pancadas.”

A entrada na sala toma às vezes uma dezena de minutos. Eles ainda não estão sentados, mas enfim, “eles já entraram”; neste momento, “vem um que chega com uma história inverossímil, de que passou pelo orientador pedagógico pois não tinha vindo no dia anterior; o orientador pedagógico lhe tinha feito uma advertência que não lhe tinha agradado; ele chega em plena ebulição, querendo participar sua raiva aos outros, os outros o apoiando.” Mais alguns minutos ainda se passam desta forma.

A turma não está nunca completa; alguns vêm de manhã, outros à tarde, ou ainda desaparecem durante várias semanas. No início do ano, Colette tinha realizado uma organização da classe, atribuindo a cada um seu lugar para aquele ano. Após algumas semanas o princípio está sendo bem respeitado, mas a agitação recomeça com a caça das mesas e cadeiras. Há algumas velhas mesas de madeira, despedaçadas, cobertas de pichações, com as quais os mais fracos têm de se contentar. “O último da classe, aquele que realizou toda sua escolaridade primária no centro psicopedagógico, tinha uma dessas mesas (...) e durante todo o tempo, pois ele não conseguia escrever – é isto mesmo, ele não conseguia escrever seu nome –, durante todo o tempo, ele pegava seu canivete ou seu compasso e escavava. Um dia ele estava todo contente, pois tinha conseguido abrir o buraco, tinha conseguido chegar até o outro lado”. As melhores mesas são de dois lugares, em fórmica, adaptáveis ao tamanho do aluno por um sistema de entalhes e parafusos, “então foi um circo... eu abaixo pra você, eu levanto pra você...”. A maior parte dos assentos está quebrada, e é preciso realizar, antes da aula, a troca das cadeiras, os mais fortes cedendo aos mais fracos aquelas que estão esburacadas, desmanteladas, bamboleantes, “pois quando alguém é líder, quando é o chefe, quando pretende ser... ele tem a melhor cadeira, tem a melhor mesa”.

Vinte minutos se passaram, a aula pode começar. Uma dezena de alunos tem seu caderno de francês, os outros não têm nada, folhas e canetas circulam. Passamos ao exercício de leitura de um texto, leitura “silenciosa” – “há uns dez que a realizam realmente, os outros fazem outra coisa qualquer” –, depois leitura em voz alta, “eles sempre querem ler, mas ao mesmo tempo não sabem ler...” Passamos ao exercício com questionário: “Eu os faço copiar a pergunta e a resposta, de modo que eles fiquem tranqüilos, procuro sempre realizar muito trabalho escrito para que a parte oral não seja ocasião de mais confusão”. O exercício consiste em fazer funcionar a memória, em responder perguntas a respeito da cor de uma roupa ou sobre uma outra característica de um herói; há também questões de compreensão, de lógica de sintaxe. Raros são aqueles que fazem o exercício; a maioria o abandona rapidamente e se levantam, apesar das exortações, para ir ver alguma coisa com o vizinho. Nada os leva a participar, nem o atrativo da nota, nem o interesse intelectual, nem o gosto pela competição. Seus interesses estão em outra parte. “Existe o seu grupo, eles têm coisas para contar uns para os outros... mas existem histórias horríveis entre eles. Quero dizer que ao mesmo tempo em que eles se unem fortemente quando se trata de se opor ao diretor ou ao orientador pedagógico, por outro lado, entre eles, acontecem insultos terríveis. Por exemplo, eles pegam seu caderninho de avisos, que não serve aliás para grande coisa, e escrevem coisas difamantes lá dentro, insultos grosseiros, freqüentemente entre meninos e meninas.”

Como sempre acontece com os estudantes dessa idade, a descontração verbal e no vestuário é a regra; ao mesmo tempo compartilhada e imposta, mais do que um saber viver, ela é também uma afirmação individual e coletiva. A moda este ano é a do moletom folgado, e dos tênis que devem ser usados desamarrados, com a lingüeta pendurada.

Às vezes aparece um *walkman* sobre uma mesa. Começa então uma negociação para fazê-lo “voltar para a mochila”. É inútil tentar confiscá-lo: “De qualquer jeito, isso leva a uma confrontação dura, com garotos tão grandes que são maiores que nós, que não vale a pena. Onde somos inflexíveis, existe o enfrentamento físico.” É preciso conversar, tentar estabelecer uma relação de autoridade e de confiança um pouco aleatória, mas é preciso sempre recomeçar na aula seguinte, “nada nunca é adquirido”. Alguns dias, é melhor evitar escrever no quadro para não lhes dar as costas e lhes fornecer uma ocasião “de nos atirar alguma coisa”.

Durante os exercícios escritos, ela às vezes circula entre as filas e um dos líderes, um daqueles “que não tem nada para fazer”, fará então comentário sobre a marca de seu jeans, Liberto ou Levis, lhe perguntará o preço, olhará de perto seu calçado, seu blusão, para lhe falar dela e também dele mesmo e tentar estabelecer um diálogo improvável. “Sim, nós também conhecemos, não usamos, mas conhecemos, e, além disso, meu irmão rouba roupas Chevignon”.

Junho de 1992

Sylvain Broccolichi

Uma relação de força

Sua cunhada me tinha dito que Hélène parecia muito preocupada com a evolução da situação das escolas profissionalizantes. Quando lhe perguntei se ela aceitaria falar sobre isso, ela aceitou prontamente dizendo que a situação era grave e que ela gostaria de tentar testemunhar. O estabelecimento onde ela é professora de secretariado desde 1985 situa-se em Paris e tem boa reputação. Alguns colegas lhe disseram que nas escolas profissionalizantes “industriais” (o seu comporta-seções terciárias e industriais), a situação é freqüentemente pior, o que ela tem dificuldade em imaginar.

Ela queria ter sido professora de educação física, mas teve de aceitar uma orientação para segunda técnica. Por isso tornou-se secretária, embora, “desde as primeiras horas da sua formação”, ela soubesse que esta profissão não lhe convinha, convicção que se viu reforçada no momento de seu início profissional numa empresa. “Monitora”, ela descobre seu “gosto de ensinar às crianças, aos jovens”, e quando ouve falar dos “estágios juvenis”, em 1981, agarra imediatamente a oportunidade. Ela tem “um monte de idéias” a respeito daquilo que é possível fazer a partir destas novas medidas em favor dos jovens excluídos do sistema escolar e se torna responsável por estágios de inserção, em seguida coordenadora das ações-juvenis do setor. Ela adora este trabalho, mas como nada garantia a renovação destas medidas, em 1985 ela se torna titular em Educação nacional como professora de secretariado.

Quando começa seu trabalho, ela vê o liceu como uma estrutura antes de tudo tranqüilizadora, acolhendo alunos “mais calmos” e tendo ao mesmo tempo “menos problemas sociais” do que os jovens com os quais ela tinha se ocupado anteriormente. Conhece aí esses momentos “fabulosos” nos quais “as crianças se dão conta de que são capazes de compreender alguma coisa”, e, mesmo aos 15 ou 16 anos de idade, “surpreendidos no calor” da atividade, “eles te chamam de “mãe”, por descuido..., tanto os meninos quanto as meninas”.

Após alguns anos, ela está cada vez mais “desolada” pela deterioração das condições do ensino e pelo tipo de relações que tende a se instaurar entre profes-

sores e alunos: “Estamos em estado de carência... carência de relações inteligentes. Temos a intenção de acolhê-los como amigos mas acabamos nos tornando inimigos. A gente se transforma em carcereiros.”

Ela acha que seu passado a preparou particularmente bem para enfrentar situações difíceis. Até agora, ela “deu conta”, mas já começa a pensar no dia em que estará “verdadeiramente cansada”. “Brigar, ficar fazendo teatro para me impor aos alunos que ficam fazendo provocações para “diminuí-los” na frente dos seus colegas, ainda não me custa muito esforço. Mas dentro de alguns anos estarei farta disso... Se as coisas continuarem assim, talvez eu tenha de ir embora.”

O pior para ela não é a tensão nervosa, nem a impressão de que “engana-se todo mundo” ao conferir aos alunos diplomas sem valor. É o sentimento de que a missão educativa que ela tinha a sensação de garantir até agora está cada vez mais destinada ao fracasso. A insuficiência e a evolução dos alunos são responsáveis, a seu ver, por um enfraquecimento da ação educativa em benefício das gangues cujos líderes conseguem impor sua lei até mesmo no interior dos estabelecimentos agredindo e humilhando os alunos que não a seguem. “É a lei do mais forte. Os alunos aprendem a suportar esta violência, a se calar, a se deixar esmagar.”

Com uma professora – entrevista de Sylvain Broccolichi

Hélène A. – A gente entra numa sala, e fica sozinha na frente de trinta alunos que têm na sua maioria um *a priori* – não fazer nada ou fazer o mínimo possível – e algumas contas a prestar a respeito de sua orientação. E como seu único interlocutor é o professor, eles começam por tentar descobrir quem ele é, se eles vão poder montar nas suas costas ou não. (...) Por meios simples inicialmente: alunos que, quando você entra na classe viram ostensivamente as costas para você e continuam a conversar, que não obedecem aos pedidos para que se calem ou para que fiquem quietos, alunos que emitem gritos, uivos, quando você lhes pede alguma coisa, nem que seja apenas pegar um lápis ou uma folha de papel. E tentam descobrir como o professor vai reagir à provocação, de fato, desmontando máquinas de escrever ou material de laboratório. (...)

– *E o que é que as pessoas sentem diante desta realidade?*

Hélène A. – A mim isso nunca assustou: eu vi moleques que sacavam facas ou que brigavam com golpes de capacetes. Eu nunca tive medo porque... eu tinha feito um caminho em que tive de enfrentar a dura realidade (...) e estar preparada para situações de humilhação nas quais é preciso se defender, para situações de agressividade. Mas há professores que têm medo; e depois há o que temer diante de 30 alunos que medem por volta de 1,80 metro; você não dá conta. (...) Eu sempre disse a mim mesma que encontraria a solução não importando qual fosse a situação. (...), talvez seja esta a vocação de professor hoje em dia; mas é verdade que há professores que têm medo e que não conseguem se impor em relação a uma classe que os aborda desta maneira. E são

peças que são também muito fechadas em si mesmas pois têm uma espécie de vergonha de não conseguir dominar a situação, elas não conversam sobre isso com os colegas e a gente não os vê na sala dos professores...

— *Mas será que eles não são minoria?*

Hélène A. — Ah, não! Eu diria que é um em cada dois.

— *Nos lugares onde há alunos difíceis...*

Hélène A. — Mesmo nos lugares onde se sustenta que não há muitos alunos difíceis, eu acredito que há um professor em cada dois que vive muito dolorosamente esta situação de “bagunça”. Existem colegas que são apaixonados por uma matéria, pelo francês, pela história ou geografia, e que sofrem profundamente, em sua integridade mais profunda, por causa disso: por não conseguir fazer com que os outros compartilhem desta paixão por esta ou por aquela matéria. Já eu ensino uma matéria na qual este tipo de problema não se coloca. No começo eu queria ser professora de ginástica, e o secretariado não é exatamente uma matéria apaixonante. (...) Eu tenho uma colega que está perpetuamente deprimida por não conseguir desempenhar seu trabalho como ela gostaria, fazendo os outros compartilhar deste amor pela literatura. Isso a deixa doente. (...)

— *E é verdade que ao nível do BEP você constatou algumas mudanças?*

Hélène A. — Hoje em dia, os CAP quase que não existem mais. Só existem os BEP; e mesmo com um BEP, nós sabemos que, após alguns anos, os alunos não serão mais contratados. Então é preciso que eles tentem ir um pouco mais longe e passar por um *bacalaureato* profissionalizante. E isso está bem de acordo já que as diretivas

ministeriais pregam que 80% desta geração chegará a este nível. Sendo assim é preciso que eles consigam este BEP: e é aí que nós vemos como acontece. Primeiro, quanto ao conteúdo das provas, que decai de um ano para o outro de forma bem nítida. No que se refere às provas que eu tive de corrigir e também a outras, se o aluno for capaz de reproduzir, ele já tem metade da nota. (...) As respostas estão no próprio texto da questão, e basta saber ler para obter a resposta. Em francês, em contabilidade, em toda parte é a mesma coisa... Além disso, quando, apesar de tudo isso, os professores que fazem a correção desejam realizar seu trabalho e dão notas baixas aos alunos que nem mesmo conseguem fazer isso, ou as notas são reavaliadas diretamente pelas autoridades administrativas locais ou por outras, para que haja uma certa porcentagem de alunos que recebam seu diploma, ou então o responsável pelo centro de correção recebe um telefonema e passa dizendo aos colegas: parece que em comparação com outros centros de correção, nós estamos muito severos nas notas, etc. É algo quase que sistemático. Eles chegam ao *bacalaureato* profissionalizante desta maneira, e como é preciso chegar aos 80%, se faz a mesma coisa com o *bacalaureato* profissionalizante.

[...]

Eu não sou elitista, mas fazer isso, é enganar todo mundo. É enganar os alunos, pois eles passam a acreditar que podem ir tocando assim sua vida, quando na verdade depois não encontrarão trabalho e não entenderão o que aconteceu. Isso não é bom para os professores porque é desencorajador... Nós não estamos lá para tomar conta das crianças; nós temos a intenção de ensinar alguma coisa aos alunos apesar de tudo. Nós estamos cansados de fingir! (...) Durante a aula, os alunos passam seu tempo contando uns aos ou-

tros suas façanhas para não fazer nada, para aborrecer os professores, etc.: “eu fiz com que me expulsassem”, “nós não trouxemos o livro da única vez este ano”; e então pronto, eles têm seu BEP. Depois disso, eles se acreditam espertos, imaginando que têm umas supercabeças e que eles realmente “enrabaram” – é a expressão que eles empregam – todo mundo. (...) Eu não sou de forma alguma uma reacionária, pelo menos eu acho, mas antes a escola era um lugar que tinha valor, no qual aprendíamos a respeitar um pouco as coisas, as pessoas, os companheiros, onde aprendíamos a viver em conjunto, onde havia coisas que eram colocadas em seus lugares. Ora, hoje em dia eu chegaria até mesmo a dizer que é exatamente o contrário. Ela se tornou um lugar de deseducação; isto quer dizer que aqueles que chegam aí e ainda não entregaram os pontos e que acreditam naquilo que pode lhes proporcionar a escola profissionalizante, estes estão em perigo. Esse ambiente, essa violência e o temor que ela engendra naqueles que têm de suportá-la durante anos, isso não pode senão deixar marcas sobre o indivíduo, sobre o futuro pai irresponsável, sobre o cidadão.

[...]

Hoje em dia não existem mais inspetores, tudo isso. Temos 40 professores para 500 alunos e classes freqüentemente passando de 25 a 30 (...) a relação de força está agora em favor dos alunos, e sobretudo dos líderes de classe, dos líderes do estabelecimento, etc. Conhecemos alunos que se inscrevem nas escolas em bandos. São coisas que poderíamos remediar se fosse levado em conta o fato de que o estabelecimento não é apenas nem mesmo principalmente um lugar para formação profissional, mas antes de tudo um lugar de acolhida para os alunos saídos dos colégios e liceus: quem diz acolhida, diz estruturas para acolher, e também um ambiente

adulto: arquivista, assistente social, médico escolar, supervisores de externato, pessoal de manutenção... De modo que os jovens possam se sentir cercados pelos adultos, com o suporte dos adultos. Quando se fizer isso, quando se criarem condições humanas para uma acolhida, a Educação nacional reencontrará um papel de educação.

– *E atualmente quais são as transformações mais evidentes?*

Hélène A. – O que me parece mais evidente é a queda do nível dos alunos que chegam a nós (...) não importa o que diga a este respeito nosso ministro. E depois, o que eu considero muito, mas muito grave... isso me deixa transtornada... Não sei como explicar isso [*o rosto e a voz dela exprimem uma espécie de abatimento*]. A gente se encontra com um grupo que pode ser muito gentil, até mesmo cheio de boa vontade, mas no qual cada vez mais podemos sentir a autoridade de líderes que, aí, têm a possibilidade de se encontrar na posição de líderes, de chefes... e conduzem esta espécie de sociedade extremamente fluida que é a população de um estabelecimento escolar, a fazer coisas absolutamente inacreditáveis. (...) Pois existe uma defasagem que se verifica entre o que eles são fisicamente e aquilo que eles têm na cabeça. Para eles, cada vez mais, a alternativa é se impor fisicamente. (...) Faz alguns dias, ouvi alguns alunos contando as façanhas realizadas no estabelecimento em que estavam anteriormente: “com o professor de secretariado, que é aquele de quem abrimos a goela! Você se lembra!...”. Um garoto estava se divertindo desmontando uma máquina. O professor chega para lhe dizer para parar. O aluno continua. O professor se aproxima e faz um gesto para se interpor entre o aluno e a máquina. O aluno então empurrou o professor que caiu sobre um radiador. Quando o professor se levantou, estava

com o pescoço sangrando... “Aí mesmo foi que a gente se fartou de rir!” Pois neste dia houve uma relação de força em seu favor. Isto é realmente bem significativo da evolução atual... E não creio que haja um só professor que esteja protegido disto.

– Isto te parece muito mais grave do que antes?

Hélène A. – Ah sim, claramente. Porque dez anos atrás, quando eu fazia meu está-

gio para professor, eram jovens que tinham sido expulsos da Educação nacional. Eu ia procurá-los às vezes na prisão para ajudá-los a voltar ao estágio. Eles tinham roubado, coisas assim, eram uns pequenos delinqüentes. Mas aquilo era ninharia comparado com o que acontece hoje em dia. Eu não percebia essa violência!

Outubro de 1992